



Fórum Social Mundial: Indagações de um novo século

INDICE

EDITORIAL	2
MATÉRIA DE CAPA	3
<i>“A característica básica do Estado é excluir o povo do processo de decisão”</i>	3
Entrevista com John Holloway	3
<i>“A principal aquisição do FSM é a reabilitação da vontade”</i>	5
Entrevista com Robert Redeker	5
<i>“O verdadeiro papel do Estado é gerir os interesses sociais em benefício da maioria”</i>	8
Entrevista com João Pedro Stédile	8
<i>“Outra economia se esboça no coração do capitalismo”</i>	11
Entrevista com André Gorz	11
<i>Gorz e a desmistificação das teses do pensamento dominante</i>	17

Por Josué Pereira da Silva	17
<i>A subversão do capital e os sentidos do trabalho</i>	18
Por Ricardo Antunes.....	18
<i>Fórum Mundial de Teologia e Libertação</i>	22
Programa.....	22
Refundando a teologia da libertação	24
Entrevista com Juan José Tamayo-Acosta	24
O diálogo como resposta	31
Por Maria José Fariñas Dulce.....	31
EVENTOS IHU.....	33
IHU OFERECE INTENSA PROGRAMAÇÃO EM 2005	33
Missa em si menor, de J. S. Bach. Uma celebração perceptiva.....	34
SIMPÓSIO INTERNACIONAL <i>TERRA HABITÁVEL. UM DESAFIO PARA A HUMANIDADE</i>	36
Programa.....	37
As expectativas em torno do evento e a importância do debate.....	40
IHU IDÉIAS	42
ENCONTROS DE ÉTICA PARA ALUNOS.....	42
II CICLO DE ESTUDOS SOBRE “O MÉTODO”, DE EDGAR MORIN	43
O pensamento de Edgar Morin e o paradigma da complexidade.....	44
Por Prof. José Roque Junges.....	44
I CICLO DE ESTUDOS “REPENSANDO OS CLÁSSICOS DA ECONOMIA”	46
ABRINDO O LIVRO	49
III CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL	50
SEMINÁRIO SOBRE RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL	53
HUMANITAS ARTE	55

EDITORIAL

*“Estamos vivendo uma mudança de época, mais do que uma época de mudanças. Quando nós sabíamos todas as respostas, nos mudaram todas as perguntas e ficamos sem referenciais”. Esta frase, de autoria do teólogo espanhol Juan José Tamayo-Acosta, um dos entrevistados desta edição, pode simbolizar nossos propósitos ao dedicarmos este número do **IHU On-Line** para debater os rumos da esquerda, as novas faces do mundo do trabalho e a responsabilidade da teologia frente a tais transformações. Todos os que se preocupam com os destinos da humanidade e do planeta estão, de certa forma, buscando respostas para indagações que, bravamente, múltiplos setores sociais vêm tentando formular neste século que ainda se inicia. O Fórum Social Mundial é, certamente, a melhor síntese dessas inquietações. Na opinião do filósofo e jornalista francês Robert Redeker, dirigente da revista **Les Temps Modernes**, a grande contribuição do FSM foi, aliás, a de proporcionar a “reabilitação da vontade”. Ele julga, todavia, que o FSM, em parte, ainda apóia-se em conceitos caros à esquerda, mas já ultrapassados. E John Holloway, por exemplo, autor do polêmico livro*

*Mudar o mundo sem tomar o poder, prefere o termo “anticapitalista” à expressão “de esquerda”, e localiza nas indagações contemporâneas o germe de uma nova forma de organização social que prescindiria do Estado. Este, segundo João Pedro Stédile, conhecido líder do MST, só tem sentido se “gerir os interesses sociais em benefício da maioria”. Interesses que, como destaca, só podem ser defendidos pela população organizada. Segundo o seu entender, agir de maneira coletiva e organizada é uma condição indispensável para a prevalência da esquerda. Entretanto, como fazer prevalecer as idéias de justiça social, de igualdade e fraternidade em um mundo cuja época está mudando? André Gorz, sociólogo austríaco e autor de **Adeus ao proletariado**, livro que referencia a sua obra, em uma entrevista exclusiva para o **IHU On-Line** ataca os mitos do neoliberalismo, mostrando como está nascendo uma nova economia no coração do capitalismo, e como o desenvolvimento econômico, tal como é buscado, não pode gerar o pleno emprego, devido às transformações ocorridas no mundo do trabalho. Sua entrevista é comentada por Josué Pereira da Silva e Ricardo Antunes, ambos da Unicamp e doutores em Sociologia. Por fim, teólogo Juan José Tamayo-Acosta, citado na abertura deste editorial, um dos organizadores do Fórum Mundial da Teologia da Libertação, que ocorrerá em Porto Alegre nos dias imediatamente anteriores ao FSM, fala sobre as múltiplas e novas faces da referida teologia, prognosticando a sua refundação.*

*Além dessas entrevistas que, desejamos, sejam úteis a todos os que lutamos por um “outro mundo”, **IHU On-Line** apresenta também os principais eventos do Instituto Humanitas Unisinos para 2005. Esperamos que eles também contribuam, ainda que minimamente, para a formulação de indagações e respostas também úteis. Destacamos, especialmente, o Simpósio Internacional Terra Habitável. Um desafio para a humanidade. Composto de conferências, oficinas e minicursos, o Simpósio debaterá as alternativas de habitabilidade do planeta Terra, sob uma visão transdisciplinar da economia, da física, da ecologia e da teologia.*

Uma boa leitura a todas e todos!

[\(Voltar ao índice\)](#)

MATÉRIA DE CAPA

“A CARACTERÍSTICA BÁSICA DO ESTADO É EXCLUIR O POVO DO PROCESSO DE DECISÃO”

Entrevista com John Holloway

John Holloway não gosta da palavra “esquerda”, vocábulo que lhe parece “pouco útil”. Prefere “pensar em termos anticapitalistas”. Lutar contra o capitalismo é, no seu entender, indispensável “para a sobrevivência dos humanos”. Nascido em Dublin, na Irlanda, John Holloway doutorou-se em Ciências Políticas pela Universidade de Edimburgo, Escócia, onde lecionou de 1972 a 1998, tendo-se diplomado ainda em Altos Estudos pelo Collège d’Europe. Transferido em 1993 para a Universidade de Puebla, no México, Holloway entrou em contato com a experiência zapatista e vislumbrou nela a possibilidade de ver rompida a gaiola global do poder imperial do capital. Atualmente, é professor do Instituto de Ciências Sociais e Humanidades

da Universidade Autônoma de Puebla, no México. **IHU On-Line** realizou uma entrevista com John Holloway, publicada na 89ª edição de 12 de janeiro de 2004. Na mesma edição, consta uma resenha do livro do autor **Mudar o mundo sem tomar o poder**. São Paulo: Viramundo, 2003. A referida obra foi resgatada na 104ª edição, de 7 de junho de 2004, com a publicação de uma síntese, de autoria de Cesar Sanson, do Cepat, de Curitiba. Holloway, que foi entrevistado por e-mail, é também autor de, entre outros livros, **Marxismo, Estado y Capital** Buenos Aires: Tierra del Fuego, 1994; **Zapatista! Reinventing Revolution in Mexico** (com Eloína Peláez). London: Pluto Press, 1998; **Keynesianismo, una peligrosa ilusión**. Buenos Aires: Herramienta, 2003.

IHU On-Line - Como o senhor define “esquerda”? O que é ser “de esquerda” no mundo contemporâneo?

John Holloway - Não me agrada muito a palavra “esquerda”. Não me parece muito apropriada. Prefiro pensar em termos como “anticapitalista” ou “opostos à opressão”. O anticapitalismo, entretanto, está presente em todos: é parte da experiência de viver em uma sociedade capitalista.

IHU On-Line – Quais os caminhos para atuarmos de modo anticapitalista?

John Holloway - O capitalismo é uma catástrofe para a humanidade. Nesse sentido, o anticapitalismo é necessário para a sobrevivência dos humanos. É preciso abandonar o capitalismo como forma de organização social e desenvolver outra forma de organizar as relações entre as pessoas. Como? Obviamente, não sabemos, mas creio que a experiência do último século indica que não é possível fazê-lo pela tomada do poder estatal. Então, temos que pensá-lo de outra forma, perguntar-nos como se pode mudar o mundo sem tomar o poder. Isso implica começar com as muitas fissuras que já existem no tecido da dominação capitalista, as muitas rebeldias e insubordinações, e perguntar como podemos ir multiplicando-as e estendendo-as.

IHU On-Line - O senhor considera que a sua proposição de mudar o mundo sem tomar o poder aplica-se às várias realidades continentais? Em caso positivo, quais as variantes da sua proposição que poderiam ser utilizadas, por exemplo, nos países onde a massa de excluídos é menor, e a política do bem-estar social ainda tem um mínimo vigor?

John Holloway - Mudar o mundo implica mudar o mundo todo, e não apenas alguns países ou continentes. O movimento anticapitalista, provavelmente, tem maior vigor na América Latina neste momento, mas também os países, onde não existe a mesma pobreza intensa, têm suas contradições terríveis e suas rebeldias. Uma característica da época atual é o grau de intercâmbio de experiências e de idéias. Precisamente hoje, veio me ver um grupo de estudantes dinamarqueses que acabava de passar quatro semanas nas comunidades zapatistas em Chiapas, e não para aprender algo sobre o “terceiro mundo”, mas para refletir sobre as possibilidades de mudar o mundo também na Dinamarca.

IHU On-Line - Se caminhamos para a extinção do Estado, ou para a mudança do seu papel histórico, como poderá ser a sociedade que resultará dessa transformação? Como o senhor imagina o trânsito entre os vários interesses sociais sem a mediação do Estado?

John Holloway - O Estado é uma forma particular de organização social, que tem como característica básica o fato de excluir o povo do processo de decisão social. Os políticos e os funcionários, mesmo os mais honestos, se é que existem, atuam à parte do povo, pretendem ser o povo, tomam o lugar do povo. Destruir o Estado implica desenvolver formas de

organização que não excluam o povo, formas de organização baseadas na idéia de que o povo tem a capacidade de organizar sua própria sociedade. Todos temos um impulso para a autodeterminação (o desejo de nós mesmos decidirmos as coisas), um impulso que está muito presente na vida cotidiana e que se expressa em momentos de rebeldia social, na organização de assembléias ou conselhos. Todos temos a experiência constante de resolver os conflitos de interesses sem a mediação do Estado – isso é parte da amizade, é parte da vida cotidiana. As assembléias ou conselhos são uma forma de organizar este processo social. A idéia de destruir o Estado é a projeção da experiência cotidiana de todos. Quando tratamos de viver como humanos, com dignidade, estamos, inevitavelmente, lutando para destruir o capitalismo e o Estado, embora seja de forma muito contraditória.

IHU On-Line - No contexto abordado, como o senhor vê o Fórum Social Mundial, considerando que já transcorreram várias edições? Qual é o papel do Fórum? Como o senhor o avalia?

John Holloway - Este ano, é a primeira vez que vou assistir ao Fórum Social Mundial. Creio que é um ponto de encontro muito importante para discutir a luta contra o capitalismo. As tensões entre diferentes enfoques que este encontro traz consigo são inevitáveis e, inclusive, saudáveis. Como o avalio? Melhor eu dizê-lo depois de ter estado aí.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“A PRINCIPAL AQUISIÇÃO DO FSM É A REABILITAÇÃO DA VONTADE”

Entrevista com Robert Redeker

*"Apesar de seus defeitos, como o de proceder análises com base em conceitos ultrapassados, o Fórum Social Mundial é importante porque confronta as diferentes possibilidades de fazer história. Dessa 'escola' de 'confrontação intelectual', a principal contribuição é 'a reabilitação da vontade'", afirma Robert Redeker, professor de Filosofia e membro do comitê de redação da revista francesa **Les Temps Modernes**. Ele ressalta a expressão "diferentes possibilidades", pois não acredita que os movimentos sociais progressistas possam avançar se apoiando no conceito tradicional de "esquerda". Redeker também é membro do comitê científico do Colloque d'Albi Langage et Signification (CALs), da Université Toulouse-le-Mirail. É autor de, entre outros, **Le Déshumain**. Saint-Orens de Gameville: Editions Itinéraires, 2001; **Le sport contre les peuples**, Paris: Editions Berg International, 2002; **Inhuman. The Internet, Education and Humanity**. Dublin: Academica Press, 2003; e **Nouvelles figures de l'homme**. Latresne: Le Bord de L'eau, 2004. Está marcado para abril de 2005 o lançamento do livro **Utopia e Modernità**, escrito com Marcel Gauchet), que será publicado pela Città Aperta edições, de Troina, na Itália. Participou como ator do filme *Autopsie d'un mensonge* (Autópsia de uma mentira), longa metragem francês de Bernard Cohn e Jacques Tarnero, lançado em 2000. A entrevista que segue foi concedida por e-mail.*

IHU On-Line - Parece conveniente que qualquer reflexão sobre o Fórum Social Mundial considere os rumos da esquerda e, antes de tudo, o seu conceito. Na sua opinião, como pode ser definida a esquerda? Em que medida ela precisa ser reconstruída? Sua debilidade teórica é semelhante à que marca a filosofia contemporânea, tal como o senhor a descreve?

Robert Redeker - Como definir a esquerda? Não é seguro que uma definição universal deste conceito político seja possível. Esta impossibilidade persiste quando nos atemos aos conteúdos políticos. Ao contrário, nos aproximamos de uma definição, quando nos interessamos pela

noção de *parti-pris* [posição assumida]. Um mesmo *parti-pris*, pela justiça social, por exemplo, pode adquirir conteúdos diferentes no decurso da história. Não são conteúdos que determinarão sua lateralização política à esquerda, mas é o *parti-pris* que inspirará os seus conteúdos. O *parti-pris* em favor do Planeta, a responsabilidade diante do futuro, diante das gerações futuras, pode ser de direita como de esquerda. O *parti-pris* em favor do homem pode, também, ser indiferentemente de direita ou de esquerda. É, sobretudo, o *parti-pris* econômico em favor da justiça social, das categorias sociais desprovidas e abandonadas, que define a esquerda. No entanto, o conceito de classe, a oposição proletariado – burguesia, popularizado pelo marxismo, caducou. Os desprovidos, os humilhados, os explorados já não constituem mais uma só e única classe, como Marx pensara. A pobreza explodiu, e nisso a idéia de Negri e de alguns outros pensadores de multidões encontra uma certa pertinência. Sobre o cadáver da classe proletária apareceram multidões, muito diferenciadas entre elas, de desprovidos e de explorados. A esquerda pode, então, ser definida assim: um *parti-pris* de justiça social em favor dessas multidões desprovidas. A palavra “desprovidos” [*démunis*] é mais importante que a palavra “explorados”. Desprovido significa falta de condições. Os desprovidos são as multidões de todo o Planeta, aos quais faltam condições para viver. Eu chamo de condições as estruturas antropológicas (como, acima de tudo, a educação, o conhecimento), permitindo “defender-se” na vida. A justiça social consiste na distribuição aos desprovidos de “condições” para viver. As condições permitem recriar um cosmo, um ambiente no qual a existência humana se sente dotada de sentido. O que caracteriza a pobreza na época contemporânea, época cibernética e tecnológica, é a de ser uma pobreza de extirpação, de desenraizamento (ser desenraizado da vida), em outras palavras, uma pobreza sem cosmo, acósmica. A esquerda deveria ser definida assim: *parti-pris* em favor de condições para os desprovidos, permitindo-lhes tecer um cosmo em torno de sua existência.

IHU On-Line - Qual a contribuição que se pode esperar dos movimentos sociais identificados com o legado histórico da esquerda para a reconstrução do conceito de “homem”, partindo das indagações de uma filosofia reconstruída?

Robert Redeker - A situação intelectual da esquerda está defasada em relação à realidade. Sua inspiração bissecular se esgotou. Durante dois séculos, o pensamento da esquerda era avançado em relação à realidade (a esquerda tinha algo de profético e de messiânico). Os socialistas do século XIX (de Pierre Leroux a Karl Marx e até Jean Jaurès) eram avançados em relação à realidade. Os conceitos da esquerda permitiam, de uma só vez, dissecar a realidade político-social, projetando-nos à frente, num futuro tão utópico quanto crível. A noção de mito da greve geral em Sorel é o paradigma desta situação de um pensamento, ao mesmo tempo, utópico e crível. A idéia importante para compreender a força, e depois o esgotamento da esquerda, é a idéia de secularização. A força da esquerda provinha do fato de o processo de secularização (iniciado no século XVII) estar ainda em vigor. Secularização: a dimensão escatológica do cristianismo se expandiu lentamente para o profano, como uma espécie de *kenose* [esvaziamento, exaustão] socioistórica, pela qual o finalismo sagrado se expandiu na história, penetrando a história. O que foram as luzes, senão esta *kenose*? A esquerda vivia enquanto esta secularização ainda tinha lugar, ela vivia enquanto a fonte (em outros termos, o sagrado identificado como tal, o cristianismo) não se tinha exaurido. A situação desastrosa da esquerda se explica pelo fim da secularização. Este terminou, não há mais a tensão entre o espiritual e o profano – de onde vem o coma da esquerda. Então, a problemática diante da qual se encontra a esquerda se divide em duas direções: de uma parte, no seio de um mundo inteiramente secularizado, inventar um dinamismo que a ponha em posição de avanço ante a realidade (o que permitia a secularização), e de outra parte, pela constatação que eu faço em

meu livro *Nouvelles figures de l'homme* [Novas figuras do homem], inventar uma unidade, não do homem, mas do humano, permitindo uma política do humano. Uma política do humano seria dar condições aos desprovidos a fim de que vivam e reconstruir um cosmo, isto é, um universo dotado de sentido, para cada ser humano.

IHU On-Line - Nesse cenário a ser desenhado, qual o lugar destinado ao Fórum Social Mundial? E quais, no seu entender, as contribuições mais importantes que ele já trouxe para a construção do “outro mundo possível”?

Robert Redeker - Apesar de seus defeitos, como a tentação, para alguns, de limitar-se a análises, usando conceitos de uma época passada, como, por exemplo, o conceito tradicional humanista, de homem, ou o conceito de proletariado, e como a tentação, para alguns também, de manter um discurso de guerra civil planetária, de não-oposição ao terrorismo ou mesmo de anti-semitismo, o Fórum Social Mundial é uma escola na qual, pela confrontação intelectual e pelos debates, as diferentes possibilidades de fazer variar a história são ensaiadas. A principal aquisição do Fórum Social Mundial é a reabilitação da vontade. Insistimos na noção de “possibilidades” (no plural). A fórmula “um outro mundo é possível” é falsa. Ela sugere que existe, em algum lugar, um mundo de reserva pelo qual nós podemos substituir o mundo atual. Não haverá jamais “um” outro mundo, por causa do esgotamento, no final do processo de secularização, da alteridade que representava o universo sagrado. A realidade – que manifesta a profusão das idéias no Fórum Social Mundial – é diferente: formas múltiplas de mundos são possíveis, servindo-se da vontade para fazê-los nascer. Possíveis, no plural, significa que os seres humanos têm muito poder (tomemos este conceito nietzscheano) para reconstruir cosmos (no plural). Em meu último livro, eu desenvolvo uma reflexão sobre a arquitetura articulada sobre a “recosmização”, a arquitetura tendo, então, um papel político no sentido “dos” (e não de “um”) outros mundos possíveis.

IHU On-Line - O senhor acredita que, de maneira geral, as lideranças dos movimentos sociais reunidos no Fórum Social Mundial estão atentas às transformações essenciais que o senhor destaca nas suas últimas obras? O Fórum está em sintonia com preocupações desse teor?

Robert Redeker - Uma contradição aparece. A despeito da criatividade intelectual do Fórum Social Mundial, os líderes dos movimentos continuam ligados a representações caducas, o que é, ao mesmo tempo, corrente (a distinção entre o homem de ação e o filósofo) e causa de fracasso. Em particular, os líderes não se dão conta de que nós entramos em duas situações novas: uma *situação antropológica* de fragmentação do homem, que perdeu sua unidade, e uma *situação geopolítica* de ruptura, tendo o mundo perdido sua unidade. Nós vivemos numa época posterior à idéia de unidade, e à realidade da unidade. O cacife do Fórum, contra a “unidimensionalização” da existência dos ricos e a “descosmização” dos pobres, é uma jogada política que os líderes só exprimem parcialmente: *inventar novas possibilidades de vida*.

IHU On-Line - No conceito de “multidão” de Toni Negri não se poderia localizar o embrião de um novo homem, antítese do homem que o senhor define como *neghuman*?

Robert Redeker - Bem entendido. No entanto, eu não seguiria até o fim, até a noção de homem novo. É preciso cruzar esta noção de “multidão”. A meu ver, ela deve designar, ao mesmo tempo, as multidões humanas que se substituíram às classes, as multidões de desprovidos e as multidões de possibilidades do ser humano, que nós trazemos em nós, para alguns, e que nós temos de criar, para muitos. Ora, esses dois sentidos da palavra multidão estão interligados: dar condições (cultura, educação, habitação) às multidões de desprovidos

significa abrir a possibilidade de inventar multidões de possibilidades de vida. O conceito de “neghumano” é posterior à morte do homem. O homem é uma entidade definitivamente morta. O “neghumano” designa a situação – que Herbert Marcuse, sem sabê-lo, foi um dos primeiros a descrever em O “homem unidimensional” – na qual a vida é reduzida à pobreza (aí incluída a abundância), onde a possibilidade de inventar novas possibilidades de vida se encontra paralisada. Esta “neghumanidade” segue à desumanização: o que o homem fez, o homem do humanismo, desde séculos, se desfez. A ancoragem verdadeira em tradições, em paisagens, a ancoragem durável e homogênea, a interioridade, todos esses constituintes antropológicos foram desfeitos, por exemplo. A história recente descosturou o homem, como a história antiga o tinha lentamente costurado. Em vista desta desumanização – descostura do homem – não houve reumanização. O “neghumano” é o humano não reumanizado. Ele é a ausência de cosmo – o desespero, o estado de desprovido. Uma política do humano (porque por detrás da fórmula inadequada: “um outro mundo é possível”, é preciso entender “uma política do humano é possível”), se ela aparece, não será uma política de um “homem novo”, do renascimento do homem, ou da unidade do homem; será uma política da multiplicação das possibilidades de vida, tendo todas uma coerência, ou seja, sendo “cósmicas”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“O VERDADEIRO PAPEL DO ESTADO É GERIR OS INTERESSES SOCIAIS EM BENEFÍCIO DA MAIORIA”

Entrevista com João Pedro Stédile

*“Em uma sociedade capitalista, onde persistem os antagonismos de classe, é vital a presença do Estado, que deve gerir os interesses sociais em benefício da maioria. Mas disso depende a ação do povo organizado, condição indispensável também para a existência da esquerda”. Assim pensa João Pedro Stédile, uma das principais lideranças do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Ele destaca que não é possível ser de esquerda “sozinho”, pois tal comportamento reproduz um “individualismo anti-social”, que nada muda e “acaba transformando-se apenas em idealismo”. A entrevista que segue foi concedida ao **IHU On-Line** por e-mail. Nascido em 25 de dezembro de 1953, em Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul, Stédile reside atualmente na cidade de São Paulo. É economista, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), com pós-graduação pela Universidade Autônoma do México (UNAM). Participa, desde 1979, das atividades da luta pela reforma agrária, sendo um dos fundadores do MST e membro de sua direção nacional. João Pedro Stédile concedeu uma entrevista sobre Raimundo Faoro, na 64ª edição do **IHU On-Line**, de 16 de junho de 2003. É autor de, entre outros livros, **A Reforma Agrária e a Luta do MST**. Petrópolis: Vozes, 1997; **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil** (com Bernardo Fernandes). São Paulo: Perseu Abramo, 1999; **Classes sociais em mudança e a luta pelo socialismo** (com Francisco de Oliveira e José Genoíno). São Paulo: Perseu Abramo, 2000.*

IHU On-Line - Como o senhor define “esquerda”? O que é ser “de esquerda” no mundo contemporâneo?

João Pedro Stédile - Ser de esquerda é um conceito genérico na luta política e por isso cada um pode atribuir-lhe um significado especial. Para mim, são todas as pessoas que lutam quotidianamente e têm como ideal a construção de uma sociedade igualitária, onde todos os cidadãos tenham os mesmos direitos e oportunidades. Uma sociedade com justiça social é baseada nos princípios da solidariedade e da justiça social. No entanto, não basta ter como objetivo uma sociedade igualitária, se não fizermos nada para alcançá-la. Por isso, ser de

esquerda é também, necessariamente, organizar o povo, única força capaz de transformar a sociedade. Ser de esquerda sozinho é repetir um individualismo anti-social, o que não muda nada e acaba transformando-se apenas em idealismo.

***IHU On-Line* - O senhor definiria o governo Lula como “de esquerda”? As características e práticas do governo Lula sugerem que ele poderá atender às principais demandas sociais, como a reforma agrária?**

João Pedro Stédile - O governo Lula é fruto de uma aliança de classes que foi feita para ganhar as eleições. Essa aliança de classes incluiu setores da classe dominante brasileira, setores do capital estrangeiro e setores da classe média e da classe trabalhadora. O resultado da vitória eleitoral foi um governo de composição de classes. Hoje temos ministros de direita, de centro e de esquerda. Na minha opinião, desde o início, foi um governo de composição, contraditório em si, e que, portanto, se caracteriza como um governo de centro. O atendimento das demandas sociais não depende da boa vontade de nenhum governante, nem aqui, nem na China, nem em parte alguma. O atendimento de demandas sociais, em toda a história da humanidade, dependeu sempre da capacidade do povo de se organizar, conscientizar-se e se mobilizar para conquistá-las.

***IHU On-Line* - As mudanças sociais e econômicas pelas quais o senhor luta pressupõem o controle do Estado? Ou o senhor acredita que o Estado já cumpriu seu papel histórico e deve ser descartado?**

João Pedro Stédile - O Estado é a principal instituição do regime republicano, em que vivemos, desde a Revolução Francesa de 1789. O Estado é fundamental para gerir os interesses da sociedade, da maioria, numa sociedade capitalista, com diferentes classes sociais e com classes antagônicas. Por isso, o Estado é fundamental para assegurar a todos os cidadãos a garantia de direitos e oportunidades iguais, naquilo que é imprescindível, como educação, saúde, moradia, trabalho. E, no caso das sociedades do terceiro mundo, dependentes, como a do Brasil, o Estado assume também um papel fundamental para a defesa da soberania nacional, e de projetos de desenvolvimento nacional, naquilo que interessa a toda a nação, a toda a sociedade. Esse é o papel do Estado. Gerir os recursos que são da sociedade em prol dos interesses da maioria. Mas a conquista desses direitos e o exercício dos interesses da maioria no Estado somente se realizam se as diferentes classes sociais se conscientizarem, organizarem-se e se mobilizarem, para implementar seus direitos junto ao Estado, e na organização da sociedade. Por isso, não basta apenas ter uma gestão pública do Estado a favor das majorias. Seria apenas uma concessão. É necessário que os grupos, setores e classes sociais, se organizem, tenham consciência, para completar e pressionar o Estado a cumprir seu verdadeiro papel.

***IHU On-Line* - A democracia representativa já se esgotou? Quais aperfeiçoamentos/mudanças o senhor sugere para o exercício da democracia?**

João Pedro Stédile - A democracia burguesa, formal, apenas de eleições baseadas em *marketing* não é uma democracia verdadeira. A verdadeira democracia, numa sociedade, é expressa pelo direito que cada um, com todos os cidadãos tendo os mesmos direitos fundamentais e as mesmas oportunidades. Sem direitos econômicos e sociais iguais, não há democracia. O direito ao voto não representa a democracia verdadeira de uma sociedade, é apenas parte dela. O processo de aperfeiçoamento da democracia verdadeira, popular, numa sociedade, na minha opinião, tem aspectos de democracia representativa, na qual, para determinados cargos e funções públicas, as pessoas precisam ser eleitas e representam outros

setores, mas estamos muito longe de que essa representação seja autêntica e verdadeira. É preciso construir mecanismos que garantam o controle do povo, do qual emana todo o poder, sobre seus representados, coisa que não existe na democracia brasileira. Por outro lado, como propõe o professor Fabio Comparato e a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e a Coordenação dos Movimentos Sociais (CMS), é necessário desenvolvermos, urgentemente, no Brasil, mecanismos de participação direta, popular, de todo o povo. Por isso, precisamos regulamentar o direito de o povo exercer seu poder diretamente, como está previsto na nossa Constituição. É preciso regulamentar o direito ao plebiscito popular, às consultas e *referenduns* populares. O povo deve ser consultado sobre todos os temas e direitos que são fundamentais para a sociedade. E o processo de consulta não pode estar subordinado ao Poder Legislativo, como agora. Por isso é que, em mais de cem anos de República, o povo brasileiro exercitou no máximo em três ocasiões o direito de plebiscito. É preciso garantir a auto-aplicação do direito ao plebiscito, mediante o recolhimento de um por cento dos eleitores e dirigi-los diretamente para o poder judiciário-eleitoral aplicar a consulta. E deveria haver também dezenas de outros mecanismos de exercício de poder popular, de participação popular direta, como são os conselhos municipais, locais, como temos alguns pequenos exemplos no SUS, nos Conselhos Tutelares da Infância, etc. O povo deseja participar. E a participação popular, em decisões quotidianas da vida pública, contribui para a conscientização social e para uma democracia mais aperfeiçoada.

***IHU On-Line* - Qual a importância que o senhor atribui ao Fórum Social Mundial? Qual foi a contribuição do Fórum, até agora, e quais as novas responsabilidades que ele poderia/deveria assumir?**

João Pedro Stédile - O Fórum Social Mundial é um espaço de debates, de trocas de idéias. É uma estação anual, em que as pessoas conscientes, os movimentos, as redes, as entidades não governamentais, marcam para se encontrar. Aí trocam idéias, consultam umas às outras e depois voltam para suas trincheiras para desenvolver suas atividades. É, por isso, um grande porto de confluência, de consulta. E deve se manter assim, para que cada rede, grupo ou classe possa se encontrar nele, em nível internacional, e entre si, decidirem o que fazer. De nossa parte, tantos os movimentos camponeses, pela Via Campesina, como a rede de movimentos sociais que existem em todos os países, temos procurado aproveitar o Fórum Social Mundial, para nos encontrarmos, realizarmos plenárias e assembléias mundiais, e aí sim, nessas assembléias, tomarmos nossas deliberações. O Fórum, do ponto de vista doutrinário, tem sido um espaço de crítica ao neoliberalismo, e a unidade possível tem se dado nesses marcos. Precisamos, contudo, avançar no que diz respeito à crítica ao imperialismo, ao capital financeiro, às corporações transnacionais, ou seja, ao modo moderno de espoliação mundial, que hoje concentra a riqueza e explora milhões de trabalhadores de todo o mundo. É necessário, também, debatermos e confluirmos para pensarmos uma nova sociedade, que seja, de fato, baseada nos princípios da igualdade, da justiça e da solidariedade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

“OUTRA ECONOMIA SE ESBOÇA NO CORAÇÃO DO CAPITALISMO”

Entrevista com André Gorz

André Gorz sustenta que outra economia está sendo gestada no coração do capitalismo. Sociólogo conhecido mundialmente pelos seus estudos sobre o trabalho, Gorz aponta a ocorrência de transformações sintomáticas no modo de produção capitalista, no trabalho que o sustenta e no valor gerado. Ele concedeu uma entrevista exclusiva ao **IHU On-Line**, de sua casa, na França, via correio postal, reproduzida aqui parcialmente. A íntegra da entrevista será publicada no **Cadernos IHU Idéias n.º 31**. Gorz nasceu em Viena, em 1924. Perseguido pelo nazismo, mudou-se para a França e abdicou do idioma alemão, até 1984. Foi co-diretor da revista **Les Temps Modernes** e co-fundador do diário **Le Nouvel Observateur**. Em 1980, escreveu **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, que produziu um grande impacto em toda a Europa e foi repudiado na França pela Confederação Francesa Democrática do Trabalho (CFDT), na qual Gorz atuava. Em contraposição, o movimento operário alemão recebeu o livro com grande interesse, reconciliando seu autor com a Alemanha. Atualmente, Gorz reside em um pequeno povoado próximo a Paris. É autor de inúmeros livros, entre os quais citamos os seguintes: **Metamorfoses do trabalho. Crítica da razão econômica**. São Paulo: Annablume, 2003; **Misérias do Presente, Riqueza do Possível**, São Paulo: Annablume, 2004 e **L'Immatériel. Connaissance, valeur et capital** (O imaterial. Conhecimento, valor e capital). Paris: Galilée. 2003. Sobre André Gorz pode ser lido o texto *Pelo êxodo da sociedade salarial. A evolução do conceito de trabalho em André Gorz*, de André Langer, pesquisador do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT. O texto está publicado nos **Cadernos IHU n.º 5**, de 2004.

IHU On-Line - Uma das medidas mais difundidas e defendidas pelos governos e empresários para combater o desemprego é a retomada do crescimento. O senhor diz que isso é insuficiente. Por quê?

André Gorz - Os governos, os homens de negócios, reclamam do crescimento em si, sem definir sua finalidade. O conteúdo do crescimento não lhes interessa, mas sim o aumento do PIB. Esse crescimento responde, em primeiro lugar, a uma necessidade do capital, não às necessidades da população. Ele cria, muitas vezes, mais pobreza e, com frequência, deteriora a qualidade da vida e do meio ambiente, em vez de melhorá-los. Quais são as riquezas e os recursos que mais faltam à população? Uma alimentação sadia e equilibrada; água potável; ar puro, luz e espaço; moradia salubre e agradável. Tomemos um exemplo: se distribuirmos a cem mil famílias terras incultas nas quais elas produzem sua subsistência, o PIB não muda. Ele também não muda se essas famílias repartem suas tarefas, trocando produtos e serviços numa base mutualista e cooperativa. Ao contrário, no caso de cem proprietários expulsarem cem mil famílias de suas terras e desenvolverem nelas culturas destinadas à exportação, o PIB aumenta no montante dessas exportações e dos salários miseráveis pagos aos agricultores. O PIB não conhece e não mede as riquezas, a não ser que elas tenham a forma de mercadorias. Nos países em que a maioria da população é pobre, há poucas pessoas a quem se pode vender com lucro. O desenvolvimento de uma economia de mercado, criadora de empregos, só pode ocorrer onde existe um poder político capaz de fazê-lo. Esse poder existia notadamente no Japão e na Coreia do Sul. Mas o desenvolvimento do capitalismo industrial destes países teve lugar antes da mundialização neoliberal, numa época marcada pelo crescimento sustentável das economias do Norte. Ora, após o fim dos anos 1970, as condições mudaram. As exportações para os países ricos já não podiam mais ser o principal motor do crescimento das economias do Sul, por um conjunto de razões. Em primeiro lugar, os mercados do Norte não estão mais em forte expansão. Em seguida, a mundialização neoliberal não permite mais aos países ditos emergentes protegerem suas indústrias domésticas e sua agricultura contra a concorrência dos países do Norte. Os baixos salários dos países do Sul não bastam mais para

lhes assegurar partes de mercado. Praticamente toda a produção industrial exige agora uma forte intensidade de capital, investimentos pesados. A amortização, a remuneração e a contínua inversão de capital técnico fixo oneram muito mais os preços do que os custos de mão-de-obra. Enfim, a competitividade das indústrias depende muito mais do que no passado de uma cara infra-estrutura logística: vias de comunicação, redes de transporte, energia e telecomunicação, administrações e serviços públicos eficazes, centros de pesquisa e de formação. Na China, como na Índia e no Ocidente, o modelo de crescimento pós-fordista enriquece em torno de 20% a população, gerando enclaves pós-industriais hipermodernos, mas também cria vastas zonas de miséria e de abandono, onde se desenvolvem a criminalidade organizada e as guerras entre seitas e religiões. O “crescimento” não permite sair da armadilha da modernização neoliberal, salvo para definir parâmetros de uma economia totalmente diversa. Numa economia em que as empresas buscam permanentemente retirar umas das outras certas partes do mercado, elas procuram reduzir os custos e, reduzindo a quantidade de trabalho que empregam, aumentar a produtividade. Suponha que, num momento dado, a produtividade tenha duplicado. É necessária, então, uma metade a menos de trabalho para produzir um mesmo volume de mercadorias cujo valor tenderá também a diminuir pela metade e o volume do lucro tenderá a baixar na mesma proporção. Só o trabalho vivo é capaz de criar valor e, sobretudo, somente a força de trabalho vivo é capaz de criar um valor maior do que o seu próprio, ou seja, um sobrevalor¹. É esta a fonte do lucro. Na prática, procura-se combinar, segundo a conjuntura, a intensificação da exploração e o aumento da produção. O crescimento é, pois, para o capitalismo, uma necessidade sistêmica indiferente à realidade material do que cresce. Ele responde a uma necessidade do capital, conduz a esse desenvolvimento paradoxal que faz com que, nos países de PIB mais elevado, se viva cada vez pior, consumindo cada vez mais mercadorias.

IHU On-Line - O senhor distingue as categorias “emprego” e “trabalho”. Quais são as decorrências dessa distinção?

André Gorz - O trabalho, tal como nós o entendemos, não é uma categoria antropológica. Ele é um conceito inventado no fim do século XVIII. Hannah Arendt lembra que, na Grécia antiga, o trabalho designava as atividades necessárias à vida. Trabalhar era submeter-se à necessidade, e essa submissão tornava o indivíduo indigno de participar como cidadão da vida pública. O trabalho era reservado aos escravos e às mulheres, considerado o contrário da liberdade e confinado à esfera privada, doméstica. No século XVIII, o trabalho começa a ser compreendido como uma atividade que transforma e domina a natureza. Pouco tempo depois, Hegel dá ao trabalho em si um sentido mais amplo: ele não é simples dispêndio de energia, mas a atividade pela qual os homens inscrevem o seu espírito na matéria e, sem antes o saber, transformam e produzem o mundo. Entre o trabalho que, no sentido econômico, é uma mercadoria como qualquer outra, cristalizada nas mercadorias, e o trabalho em sentido filosófico, que é exteriorização e objetivação de si, a contradição se torna evidente. O trabalho, tal como o compreende o capitalismo, é a negação do trabalho; tal como o compreende a filosofia, é sua alienação: o capitalismo determina o trabalho como algo estrangeiro (*alienus*), onde ele não pode ser para e por si mesmo. O fim primário desta atividade é o de “ganhar a vida”, de ganhar

¹ O sobrevalor (chamado outrora “mais valia”, contração do inglês *surplus value*, é o valor da produção que um trabalhador realiza além de suas próprias necessidades e das de sua família. É um excedente econômico (*economic surplus*), segundo a terminologia de Paul Baran). A proporção de sobrevalor, no total do valor produzido por um trabalhador, é a taxa de sobrevalor (taxa de mais valia), que mede a taxa de exploração (Nota do entrevistado).

um salário. É pelo salário que o remunera que o trabalho se inscreve como atividade social na rede das trocas sociais de mercadorias que estruturam a sociedade, e que o trabalhador é reconhecido como trabalhador social pertencente a essa sociedade. O aspecto, porém, mais importante, do ponto de vista da sociedade é ainda outro: sendo o trabalho tratado como uma mercadoria, o emprego torna o trabalho estruturalmente homogêneo ao capital. Da mesma forma como o fim determinante do capitalismo não é o produto que a empresa põe no mercado, mas o lucro que a sua venda permitirá realizar. Da mesma forma, o fim determinante do assalariado não é aquilo que ele produz, mas o salário que sua atividade produtiva lhe concede. Trabalho e capital são fundamentalmente cúmplices além de seu antagonismo, enquanto “ganhar dinheiro” é seu fim determinante. Aos olhos do capital, a natureza da produção importa menos que sua rentabilidade; aos olhos do trabalhador, ela importa menos que os empregos que ela cria e os salários que ela distribui. Para um e para outro, aquilo que é produzido importa pouco, contanto que isso renda. Um e outro estão, conscientemente ou não, a serviço da valorização do capital.

IHU On-Line – O movimento operário não se apercebia disso?

André Gorz - Com exceção de uma esquerda sindical minoritária, o movimento operário não criticava a natureza e a orientação desta expansão, mas reclamava, antes, sua aceleração. A individualização e a diferenciação dos consumidores permitem, ao mesmo tempo, ampliar os mercados da indústria e minar a coesão e a consciência de classe dos trabalhadores. Elas devem induzir neles comportamentos e aspirações próximos daqueles da “classe média”. O trabalho mercantilizado gera o puro consumidor dominado que não produz nada daquilo de que ele precisa. O operário produtor é substituído pelo trabalhador consumidor. Constrangido a vender todo o seu tempo, a vender sua vida, ele enxerga o dinheiro como o que tudo deve comprar simbolicamente. A partir de 1920, nos Estados Unidos, e de 1948, na Europa ocidental, as necessidades primárias oferecem ao capitalismo um mercado demasiado estreito para absorver o volume das mercadorias que ele é capaz de produzir. A economia não pode continuar a crescer, os capitais acumulados não podem ser valorizados, e os lucros não podem ser reinvestidos, a não ser que a produção de supérfluos ultrapasse, mais e mais nitidamente, a produção do necessário. O capitalismo necessita de consumidores cujas compras sejam motivadas, cada vez menos, pelas necessidades comuns a todos e, cada vez mais, pelos desejos individuais diferenciados. O capitalismo precisa produzir um novo tipo de consumidor, um novo tipo de indivíduo: um indivíduo que, por seus consumos, por suas compras, queira se destacar da norma comum, distinguir-se dos outros e afirmar-se “fora do comum”. O interesse econômico dos capitalistas coincide maravilhosamente com o seu interesse político.

IHU On-Line – Como essa situação se reflete nos recursos naturais?

André Gorz - A expansão continuada da produção industrial envolve uma pilhagem acelerada dos recursos naturais. A necessidade de expansão ilimitada do capital o conduz a procurar abolir a natureza e os recursos naturais, para substituí-los por produtos fabricados, vendidos com lucro. A esse respeito, as sementes geneticamente modificadas que empresas gigantes estão a fim de impor no mundo inteiro oferecem um exemplo eloqüente. O “trabalho mercantilizado”, isto é, os trabalhadores e suas organizações, não são co-responsáveis por esta pilhagem e esta destruição, a não ser na medida em que eles defendem o emprego a qualquer preço no contexto existente e combatem, com este fim, tudo o que diminui, de imediato, o crescimento econômico e a rentabilidade financeira dos investimentos.

IHU On-Line - O senhor sustenta que o grande problema atual não é mais o da produção, mas o da distribuição. Como se deu esta mudança e quais são as suas propostas para enfrentá-la?

André Gorz – A resposta é muito simples: quando a sociedade produz mais riqueza com menos trabalho, como o ganho de cada um poderá depender da quantidade de trabalho que ele fornece? Esta questão tornou-se lancinante no pós-fordismo. A “revolução informacional”, que, de início, chamou-se de “revolução microeletrônica”, permitiu gigantescas economias de tempo de trabalho na produção material, na gestão, nas comunicações, no comércio atacadista, no conjunto das atividades administrativas. Com a informatização e a automação, o trabalho deixou de ser a principal força produtiva, e os salários deixaram de ser o principal custo de produção. A composição orgânica do capital (isto é, a relação entre capital fixo e capital de giro) aumentou rapidamente. O capital se tornou o fator de produção preponderante. A remuneração, a reprodução, a inovação técnica contínua do capital fixo material requerem meios financeiros muito superiores ao custo do trabalho. Este último é com frequência inferior, atualmente, a 15% do custo total. A divisão entre capital e trabalho do “valor” produzido pelas empresas pende mais e mais fortemente em favor do primeiro. E ele procura se livrar das legislações sociais e das convenções coletivas, consideradas insuportáveis no contexto em que a “competitividade” é o primeiro imperativo. Os assalariados deviam ser constrangidos a escolher entre a deterioração de suas condições de trabalho e o desemprego. Na realidade, a mundialização gerou o desemprego e a deterioração das condições de trabalho simultaneamente. O trabalho precário, descontínuo, em tempo parcial e em horários “flexíveis”, tende a tornar-se regra. A “sociedade salarial” entrou, assim, em crise. O emprego era o principal meio de divisão da riqueza socialmente produzida e dava acesso à cidadania social, assegurava um certo tipo de integração e de pertença a uma sociedade fundada sobre o trabalho e a mercadoria; ele devia, por princípio, ser acessível a todos. É, então, toda a sociedade que se desintegra com a precarização e a “flexibilização” do emprego, com o desmantelamento do Estado previdenciário, sem que nenhuma outra sociedade, nenhuma outra perspectiva, tome ainda o lugar da ordem que desmorona. Produzir, e produzir mais, não é, pois, um problema. O problema é vender o que é produzido a compradores capazes de pagar. O problema é a distribuição de uma produção, realizada com cada vez menos trabalho, e que distribui cada vez menos meios de pagamento, de maneira irregular e não igualitária. A solução do problema não pode ser encontrada nem na simples criação de meios de pagamento suplementares, nem na criação de uma quantidade suficiente de empregos para ocupar e remunerar toda a população desejosa de “trabalhar” – em escala mundial, perto de um terço da população potencialmente ativa do Planeta.

IHU On-Line – Como a independência entre o trabalho e a remuneração, idéia que o senhor defende, poderia contribuir para solucionar esse impasse?

André Gorz - A solução que consiste em aumentar o poder de compra da população, criando meios de pagamento suplementares, repartidos por todos, não é aplicável no quadro existente. A criação de empregos suplementares em quantidade quase ilimitada, tal como ela é praticada nos Estados Unidos, em particular, praticamente não cria riqueza suplementar na escala de uma sociedade. Todo emprego, com efeito, não é “produtivo” no sentido que tem este termo numa economia capitalista. Só é “produtivo” um trabalho que valoriza (isto é, aumenta) um capital. Ora, as famosas “minas de empregos”, graças às quais os governos esperam poder suprimir o desemprego, são, na maioria, empregos improdutivos no sentido que eu acabo de indicar. É o caso, em particular, dos serviços a terceiros que ocupam 55% da população ativa dos Estados Unidos. Estes empregos de serviços não aumentam a quantidade de meios de

pagamento em circulação: eles não criam valor, eles consomem o valor criado de outra forma. Sua remuneração provém da remuneração que seus clientes obtiveram pelo trabalho produtivo, sendo um ganho secundário, uma redistribuição secundária de uma parte das remunerações primárias. Com mais freqüência, os empregos de serviço se transformam somente em prestações remuneradas de serviços que as pessoas poderiam trocar sem serem pagas, ou atividades que elas também poderiam assumir. A transformação em empregos de tais atividades não economiza tempo de trabalho, não faz ganhar tempo em escala social: ela apenas redistribui o tempo. O caráter improdutivo dos serviços comprados e vendidos se reflete neste plano. As pessoas passam seu tempo a venderem-se umas às outras. Elas são todas não apenas “mercadores”, mas mercadorias em busca de “compradores”. Nesse contexto, é preciso ressituar a reivindicação de uma existência diferenciada. Sua finalidade não é a de perpetuar a sociedade do dinheiro e da mercadoria, nem a de perpetuar o modelo de consumo dominante nos países ditos desenvolvidos. Sua finalidade é, ao contrário, subtrair os desempregados e precários à obrigação de se vender; de “liberar a atividade da ditadura do emprego”, segundo a fórmula de Frithjof Bergmann. Como diz um texto de uma das associações de desempregados mais influentes na França, é preciso recuperar “os meios de desenvolver atividades infinitamente mais enriquecedoras do que aquelas que querem nos constranger”, atividades que, expansivas para os indivíduos, criem também riquezas intrínsecas, que uma empresa não pode fabricar, que nenhum salário pode comprar, de que nenhuma moeda pode mensurar o valor. Essas riquezas intrínsecas são, por exemplo, a qualidade do meio de vida, a qualidade da educação, os laços de solidariedade, as redes de ajuda e de assistência mútua, a extensão dos saberes comuns e dos conhecimentos práticos, a cultura que se reflete e se desenvolve nas interações da vida cotidiana – coisas que não podem tomar a forma de mercadoria, que não são cambiáveis com nenhum outro bem, que não têm preço, mas cada uma tem um valor intrínseco. É delas que depende a qualidade e o sentido da vida, a qualidade de uma sociedade e de uma civilização. Elas não podem ser produzidas sob comando. Elas não podem ser produzidas senão pelo movimento mesmo da vida e das relações cotidianas. Sua produção exige tempo não mensurado. Reivindica-se um retorno social incondicional para tornar acessíveis a todos essas atividades livres não prescritas, das quais depende a expansão das faculdades pessoais e das relações humanas. Este objetivo pode ser atingido sob a condição de não ser submetido previamente a um encadeamento de tarefas predeterminadas, de não ser o meio de atingir o aumento da produtividade. Pelo contrário, a atividade produtiva deve ser um dos meios da expansão humana, e não o inverso. É assim que ela representará maior economia de recursos, de energia e de tempo. Esta concepção é evidentemente contrária à concepção dominante da racionalidade econômica. Ela é vivamente combatida pelos representantes do capital. Segundo eles, as pessoas são, antes de tudo, meios de produção, e sua educação, sua formação, sua cultura devem ser úteis à sua função produtiva. O ensino e a cultura devem servir para qualquer coisa, devem fornecer à economia forças de trabalho adaptadas a tarefas predeterminadas. Os dirigentes de empresas avançadas sabem perfeitamente que esta concepção instrumental da cultura se tornou indefensável, e eles o reconhecem, por vezes, dizendo que necessitam de pessoas criativas, com a imaginação, a inteligência, a capacidade de desenvolver continuamente seus conhecimentos. A reivindicação de uma existência desvinculada do tempo de trabalho e do próprio trabalho não é, pois, uma utopia. Pelo contrário, ela se torna atual, porque o “trabalho”, tal como ele é entendido desde séculos, não é mais a força produtiva principal e que a força produtiva principal, o saber vivo, não pode ser mensurado com os padrões habituais da economia, nem remunerado segundo o número de horas durante as quais cada um o põe em prática.

IHU On-Line - Em seu último livro, o senhor aborda o tema da economia do imaterial, que revelaria a crise do capitalismo. Por que razão? Como ela se relaciona com a “economia de conhecimentos”?

André Gorz - As expressões “economia do conhecimento”, “sociedade do conhecimento” circulam há 35 anos na literatura anglo-saxônica. Elas significam, por um lado, que praticamente todo o trabalho, em todos os tipos de produção, exige do trabalhador capacidades imaginativas, comunicacionais, cognitivas, etc., em suma, a contribuição de um saber vivo que ele deve extrair de si mesmo. O trabalho não é mais mensurável apenas pelo tempo que nele se passa. A implicação pessoal que ele exige faz com que praticamente não haja mais um padrão de medida universal para avaliá-lo. Seu componente imaterial se reveste de uma importância maior do que o dispêndio de energia física. Vale o mesmo para o valor mercantil dos produtos. Sua substância material exige cada vez menos trabalho, seu custo é frágil e seu preço tende, pois, a baixar. Para conter essa tendência à baixa, as empresas transformam os produtos materiais em vetores de conteúdos imateriais, simbólicos, afetivos, estéticos. Não é mais sua utilidade prática que conta, mas a desejabilidade subjetiva que deve lhe dar a identidade, o prestígio, a personalidade que eles conferem a seu proprietário ou a qualidade dos conhecimentos dos quais se julga serem o resultado. Temos, então, uma indústria muito importante, a do *marketing* e da publicidade, que só produz símbolos, imagens, mensagens, estilos, modas, ou seja, as dimensões imateriais que farão vender as mercadorias materiais a um preço elevado e não cessarão de inovar para tirar de moda o que existe e lançar novidades. Esta é também uma maneira de combater a abundância que faz baixar os preços e produzir a raridade – o novo é sempre raro, no começo – que os fará aumentar. Nós temos, portanto, uma situação em que as três categorias fundamentais da economia política, o trabalho, o valor e o capital, não são mais mensuráveis segundo um padrão comum. Há uns trinta anos, o capitalismo quis superar a crise do regime fordista, lançando-se numa economia do conhecimento, ou seja, capitalizando o conhecimento e o saber vivo. Fazendo isso, ele criou para si problemas novos, pois as empresas são incapazes de produzir e de acumular “capital humano” e incapazes também de assegurar duradouramente seu controle. A inteligência viva, tornada força produtiva principal, ameaça sempre escapar. São, logo, bens potencialmente abundantes. Essa abundância fará tender o valor de troca para zero. Uma verdadeira economia do conhecimento seria, pois, uma economia da gratuidade e da partilha que trataria os conhecimentos como um bem comum da humanidade. Para capitalizar e valorizar os conhecimentos, a empresa capitalista deve privatizá-los, tornar raro, por apropriação privada e patenteação, o que é potencialmente abundante e gratuito. E esta privatização e esta rarefação têm um custo muito elevado, uma vez que é preciso proteger o monopólio temporário que a empresa adquire contra conhecimentos equivalentes e novos, contra as imitações ou reinvenções, aferrolhando o mercado contra eventuais concorrentes por meio de campanhas de *marketing* e de inovações que vencem os eventuais concorrentes pela rapidez. A ausência de um padrão de medida comum para o conhecimento, o trabalho imaterial e o capital, a queda do valor dos produtos materiais e o aumento artificial do valor de troca do imaterial desqualificam os instrumentos de medida macroeconômicos. A criação de riqueza não se deixa mais mensurar em termos monetários. Os fundamentos da economia política desmoronam. É nesse sentido que a economia do conhecimento é a crise do capitalismo. Não é por acaso que se sucedem, há alguns anos, as obras ao mesmo tempo filosóficas e econômicas que insistem na necessidade de redefinir a riqueza. Uma outra economia se esboça no coração do capitalismo, que inverte a relação entre produção de riquezas mercantis e produção de riqueza humana.

[\(Voltar ao índice\)](#)

GORZ E A DESMISTIFICAÇÃO DAS TESES DO PENSAMENTO DOMINANTE

Por Josué Pereira da Silva

O professor Josué Pereira da Silva, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, comenta, a nosso pedido, a entrevista de André Gorz acima publicada. Josué é mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutor em Sociologia pela New School For Social Research (NSSR), nos Estados Unidos. É autor de **Três Discursos, Uma Sentença. Tempo e Trabalho em São Paulo (1906-1932)**. São Paulo: AnnaBlume/FAPESP, 1996 e **André Gorz. Trabalho e Política**. São Paulo: Annablume, 2002. Este último livro foi apresentado na editoria Livro da Semana do **IHU On-Line**, na 36ª edição, de 23 de setembro de 2002. **IHU On-Line** entrevistou o professor Josué na 66ª edição de 30 de junho de 2003. Josué falou sobre o tema *As metamorfoses do mundo do trabalho segundo André Gorz no evento IHU Idéias Especial* de dezembro de 2003. Sobre o assunto, o pesquisador concedeu uma entrevista ao **IHU On-Line**, na 87ª edição, de 9 de dezembro de 2003.

A entrevista é oportuna por tratar de importantes problemas contemporâneos. Seu conteúdo apresenta um diagnóstico do presente que revela, de forma simples e direta, a crítica de André Gorz à atual expansão desenfreada da racionalidade econômica, que procura subordinar todas as dimensões da vida humana e da sociedade à lógica da mercadoria. Essa crítica, que tem sido uma constante nas reflexões de Gorz nos últimos trinta anos, guarda um forte parentesco com a crítica do capitalismo desenvolvida por Karl Marx. Ou, para ser mais preciso, a crítica da mercadoria formulada por Marx constitui a principal fonte de inspiração teórica de Gorz. Partindo desta chave teórica geral, ele faz uma análise crítica do presente, que se destaca pela inteligência com que apreende a dinâmica das transformações contemporâneas.

O sentido geral da análise objetiva a desmistificação de algumas teses propagadas pelo pensamento dominante. Uma dessas teses, na sua versão keynesiana, reza que a solução para o atual desemprego está no crescimento econômico; na versão neoliberal, ela vai mais longe, pregando a abolição dos direitos sociais e trabalhistas, vistos como custos que entravam os investimentos que permitiriam o crescimento econômico e a conseqüente geração de empregos. Ambas as versões mitificam o crescimento econômico como panacéia que resolveria todos os males. A primeira versão se equivoca por não considerar em profundidade as conseqüências das atuais mudanças tecnológicas, acreditando numa correlação quase automática entre crescimento econômico e crescimento do emprego. A segunda versão, apegada ao fundamentalismo de mercado, aposta num crescimento econômico que cria empregos de baixa qualidade e baixa remuneração, que contribuem para aprofundar o abismo social entre uma minoria de ricos e uma crescente massa de miseráveis, ainda que subempregados. Além disso, em nenhuma dessas versões se levam em consideração os possíveis efeitos danosos do crescimento econômico sobre o ambiente natural. A solução dos atuais problemas não está, portanto, em produzir mais, em gerar mais riqueza, e sim em distribuir a enorme riqueza produzida. E o trabalho assalariado que, durante muito tempo, funcionou como o principal meio para efetuar essa distribuição já não consegue, em razão do desemprego, cumprir a contento essa função. A defesa do trabalho assalariado como principal norma de alocação de renda só se justifica atualmente como instrumento de dominação. Daí, a necessidade de se desvincular a renda de cidadania do trabalho assalariado.

Na concepção de Gorz, a proposição de desvincular trabalho e renda, considerada essencial para superar a crise de integração social, provocada pelo desemprego, está diretamente

vinculada ao debate sobre o fim do trabalho e à emergência da economia imaterial. No primeiro caso, cabe chamar a atenção para a forma como Gorz define trabalho, já que para ele não dá para falar em crise do trabalho sem precisar o que exatamente se entende por trabalho. Ou seja, a crise é do trabalho emprego, que é a forma adquirida pelo trabalho na modernidade; trata-se, portanto, de uma categoria histórica e sociológica, e não do trabalho no sentido antropológico ou filosófico de atividade humana geral. O trabalho moderno é o trabalho transformado em mercadoria pelo capitalismo e, por isso mesmo, definido por critérios de racionalidade econômica.

No que se refere à emergência da economia imaterial, observa-se, na verdade, um aprofundamento de uma tendência já indicada por autores como Daniel Bell, no início da década de 1970, sobre o advento da sociedade pós-industrial. Bell chamava a atenção na época para a importância que assumia o conhecimento na nova configuração social então emergente, afirmando que o conhecimento teórico passava a ocupar o lugar até ali ocupado pelo trabalho; e, como consequência, derivava daí uma teoria do valor conhecimento que ocuparia o lugar da teoria do valor trabalho. Gorz radicaliza essa tese a partir de uma releitura dos *Grundrisse*, de Marx, de quem retoma o conceito de *general intellect*, para concluir que a produção de valor na sociedade contemporânea depende mais do saber coletivo da humanidade do que da atividade específica de uma classe social, identificável, como o proletariado de Marx. Esse é mais um argumento em favor da quebra do vínculo entre trabalho e renda e pela adoção de uma renda básica universal e incondicional. Essa produção coletiva, mais simbólica que material, não se presta, no entanto, a ser apropriada pelas corporações capitalistas, que se esforçam para patentear o que é criado coletivamente, tentando subordinar tudo à lógica do lucro capitalista. Daí sua preocupação em clarificar a distinção entre conhecimentos que estão associados ao pensamento lógico e podem ser objetivados, e saberes que estão associados à capacidade do sujeito e são, por essência, vivos e vividos. Embora eu não tenha falado de todos os temas tratados na entrevista, creio que toquei naqueles que norteiam a análise de Gorz, cuja obra se constitui numa das mais fecundas críticas da sociedade contemporânea.

[\(Voltar ao índice\)](#)

A SUBVERSÃO DO CAPITAL E OS SENTIDOS DO TRABALHO

Por Ricardo Antunes

*Ricardo Antunes é professor titular de Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Ele também elaborou um artigo comentando a entrevista que o IHU On-Line realizou com o sociólogo André Gorz. Ricardo Antunes fez livre-docência em Sociologia do Trabalho na Unicamp. Doutorou-se em Sociologia, pela USP e fez Mestrado em Ciência Política na Unicamp. Publicou diversos livros entre os quais destacamos **A Rebelião do Trabalho**. Campinas: Unicamp, 1986; **Adeus ao Trabalho?** São Paulo: Cortez, 1998; **Os Sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a Afirmação e a Negação do Trabalho**. 7. ed. São Paulo: Boitempo, 2002. Atualmente, coordena a Coleção Mundo do Trabalho, pela Boitempo Editorial e Trabalho e Emancipação, pela Editora Expressão Popular. Colabora regularmente em revistas e jornais nacionais e estrangeiros. O professor, escritor e pesquisador concedeu uma entrevista ao IHU On-Line na 98ª edição, de 26 de abril de 2004, sobre o lugar do trabalho na sociedade contemporânea. Dele, IHU On-Line também publicou uma entrevista na 97ª edição, de 19 de abril de 2004, e um artigo na 65ª edição, de 23 de junho de 2003, sobre a sociedade de classes, com base nos livros: HIRANO, Sedi. **Castas, Estamentos & Classes Sociais**. Campinas: Unicamp, 2002; EDER, Klaus. **A Nova Política de Classes**. Bauru: Edusc, 2002;*

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Estrutura de Posições de Classe no Brasil*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. Os subtítulos do presente artigo foram acrescentados pelo IHU On-Line.

A reflexão de André Gorz traz sempre algo novo, sugestivo e polêmico. Longe de ser especialista em sua obra, já tive oportunidade de polemizar, especialmente contra seu conhecido e provocador *Adeus ao Proletariado*, texto emblemático em sua vasta obra.

É confortante ver, agora, que há muito mais confluência que dissonância na bela entrevista que André Gorz apresenta à revista da Unisinos. Sua crítica ao crescimento mensurado exclusivamente pelo capital e pelo mercado, que, quanto mais cresce, mais concentra e empobrece as maiorias (lição que Lula tristemente esqueceu por completo), sua crítica ao capitalismo e o reconhecimento de que é necessário uma “lógica subversiva” para desmontá-lo, de certo modo nos lembra o Gorz de seus escritos mais críticos e radicais.

Também é atual e positiva sua reflexão sobre a imaterialidade do trabalho, (“o material é o vetor do imaterial”, em sua definição), retomando teses e aspectos anteriormente tematizados por Marx e contemporaneamente, com destaque, por intelectuais franceses.

Sabemos que, na sociedade contemporânea, há uma crescente imbricação entre trabalho material e imaterial, uma vez que se presencia, além da monumental precarização do trabalho em escala global – o que também é fortemente acentuado por Gorz - uma amplificação das atividades dotadas de maior dimensão intelectual, quer nas atividades industriais mais informatizadas, quer nas esferas compreendidas pelo setor de serviços ou nas comunicações, entre tantas outras áreas em que há forte ampliação e a “mercadorização” do trabalho.

O trabalho imaterial (ou não-material, como disse Marx no Capítulo VI, inédito) expressa, em nosso entendimento, no capitalismo de nossos dias, a vigência da esfera “informativa da forma-mercadoria”: ele é expressão do conteúdo informativo da mercadoria, exprimindo as mutações do trabalho no interior das grandes empresas e do setor de serviços que são dotados de tecnologia de ponta. Trabalhos material e imaterial, na imbricação crescente que existe entre ambos, encontram-se, portanto, centralmente subordinados à lógica da produção de mercadorias e de capital, como sugerem Vincent e Tosel.

Mas, é preciso acentuar, como procuramos desenvolver em *Os Sentidos do Trabalho*, que a *imaterialidade* é uma tendência, enquanto a “materialidade” é, ainda, largamente prevalente, especialmente quando se olha o capitalismo em escala global, mundializado, desenhado pela (nova) divisão internacional do trabalho, em que, vale lembrar uma vez mais, 2/3 da humanidade que trabalha, encontra-se no chamado “Terceiro Mundo”, nele incluídos a China, Índia, os países asiáticos, a América Latina, a África, etc.

Uma leitura *tecnicista* da sociedade

Vou, portanto, neste breve debate direto ao único ponto de clara divergência. Devo acrescentar que escrevo à distância, no meio de breve período de descanso, sem condições de fazer consultas aos textos de Gorz. Mas recordo, por exemplo, que essa entrevista me parece ter uma dose de crítica e radicalidade muito superiores àquelas que podemos encontrar em textos como *The New Agenda*. Ao menos em nossa leitura.

Mas vamos ao ponto de dissonância. Gorz afirma que:

“Com a informatização e a automação, o trabalho deixou de ser a principal força produtiva e os salários deixaram de ser o principal custo de produção. A composição orgânica do capital (isto é, a relação entre capital fixo e capital de giro) aumentou rapidamente. O capital se tornou o fator de produção preponderante. A remuneração, a reprodução, a inovação técnica contínua do capital fixo material requerem meios financeiros muito superiores ao custo do trabalho. Este último é com frequência inferior, atualmente, a 15% do custo total. A divisão entre capital e

trabalho do” valor “produzido pelas empresas pende mais e mais fortemente em favor do primeiro. (...) Os assalariados deviam ser constringidos a escolher entre a deterioração de suas condições de trabalho e o desemprego”. (Grifos meus, RA).

A presença de Habermas e seu conhecido equívoco (também eurocêntrico) da *técnica* como principal força produtiva em substituição ao *trabalho vivo* parece evidente. Aqui me parece que André Gorz é também prisioneiro de uma leitura *tecnicista* da sociedade, do que acaba por resultar a desconsideração (e, muitas vezes, *desconstrução*) do trabalho.

Contra a equívoca e hoje bastante questionada tese acerca do fim da centralidade do trabalho (podemos lembrar os estudos de Alain Bihr, István Mészáros, Robert Castell, Helena Hirata, David Harvey, Thomas Gounet, dentre tantos outros), nosso grande desafio é compreender a *nova morfologia do trabalho*, seu caráter multifacetado, polissêmico e polimorfo. Isso nos obriga a desenvolver uma *noção ampliada e moderna de classe trabalhadora* (que venho chamando, de modo sinônimo, de *classe-que-vive-do-trabalho*) e que inclui a totalidade daqueles homens e mulheres que vendem sua força de trabalho em troca de salário.

Essa nova morfologia do mundo do trabalho nos convida também a refletir sobre as novas modalidades da lei do valor. Nessa direção, que aqui podemos tão somente indicar, não concordamos com a tese de que a redução do custo de força de trabalho indica a perda de centralidade do trabalho vivo, mas, ao contrário, expressa a expansão das *múltiplas formas de exploração do trabalho, dos mais qualificados aos mais desqualificados, dos mais formalizados (em cada vez menos número) aos mais informalizados, que se ampliam em todo o mundo.*

Em outras palavras, o capital de nossos dias amplificou a lei do valor, deu-lhe maior vigência, *extraindo sobretrabalho em todas as esferas onde se pode extrai-lo*: nas fábricas, nos bancos, nas escolas, nos serviços mercadorizados, nas casas, etc., etc., etc. A *nova polissemia do trabalho* é também exatamente isso: há trabalho produtivo, hoje, onde ele não existia ontem. E os capitais globais utilizam-se magistralmente da simbiose que ocorre entre a *exploração relativa e absoluta do sobretrabalho*. Portanto, parece soar falaciosa a afirmação de que o trabalho deixou de ser a principal força produtiva. Aliás, o estudo do toyotismo, em seu apogeu, nos mostrou o segredo do assim chamado “modelo japonês”: *o envolvimento e a exploração intensificada da força de trabalho em forte simbiose com o desenvolvimento tecnocientífico.*

Do trabalho intensificado do Japão ao *trabalho contingente* (J. Peckie) presente nos Estados Unidos; dos imigrantes que chegam ao Ocidente avançado ao submundo do trabalho no pólo asiático (incluída, naturalmente a China); das *maquiladoras* no México aos precarizados/as de toda a Europa Ocidental (com sua majestosa Inglaterra que parece querer *indianizar-se*); da Nike aos McDonalds, da General Motors e da Ford a Toyota, das trabalhadoras de telemarketing (já são mais de 500 mil no Brasil) aos *motoboys* e das lojas da Wall Mart, pode-se constatar que o *inferno do trabalho* assalariado e precarizado expandiu-se para todo o mundo.

Ampliar a noção de classe trabalhadora

Portanto, o que aqui queremos acentuar é a necessidade de elaborarmos uma noção ampliada de classe trabalhadora, que *deve incluir também todos aqueles e aquelas que vendem sua força de trabalho em troca de salário, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital. Deve incorporar o proletariado precarizado, o subproletariado moderno, part time, os trabalhadores e trabalhadoras terceirizados e precarizados que Huw Beynon chamou de trabalhadores-hifenizados, os trabalhadores assalariados da chamada "economia informal", que, muitas vezes, são, indiretamente, subordinados ao capital, além dos trabalhadores desempregados, expulsos do processo produtivo e do mercado de trabalho pela reestruturação produtiva global e que hipertrofiaram o exército industrial de reserva na fase de expansão do*

desemprego estrutural. Eles e elas expressam, em nosso entendimento, a vigência das distintas modalidades de trabalho vivo, ao contrário da tese do fim da relevância e centralidade do trabalho para a criação de valor.

E mais: ao contrário da prevalência da técnica em *substituição* ao trabalho vivo, hoje o saber científico e o saber laborativo mesclam-se ainda mais diretamente. As máquinas inteligentes podem substituir, em grande quantidade, homens e mulheres que trabalham, mas não podem extinguir e eliminar definitivamente a *potência criadora* do trabalho vivo. Ao contrário, a criação de um novo maquinário informacional é resultado do trabalho intelectual dos trabalhadores/as que, ao atuarem junto à máquina informatizada, transferem parte dos seus atributos intelectuais à nova máquina que resulta deste processo, *dando novas dimensão à teoria do valor*. Estabelece-se, então, como desenvolvi em **Os Sentidos do Trabalho**, um complexo processo interativo entre trabalho e ciência produtiva, que não leva à extinção do trabalho, mas a um processo de retroalimentação que necessita, cada vez mais, de uma força de trabalho ainda mais complexa, multifuncional, que deve ser *explorada* de maneira mais intensa e sofisticada, especialmente nos ramos produtivos dotados de maior incremento tecnológico. E, quando assim não é, amplia-se sem limites a precarização do trabalho, fazendo-o oscilar entre a *perenidade* (onde cada vez *menos trabalham mais*) e a *superfluidade* do trabalho (onde cada vez *mais trabalham menos* ou encontram-se desempregados).

Um último comentário e aqui outra diferença com Gorz: entendemos o trabalho não como uma criação do capitalismo (esse é o trabalho assalariado, fetichizado e estranhado), mas como resultado de um movimento, verdadeiramente dialético, de positividade e negatividade, criação e servidão, humanidade e desumanidade, autoconstituição e desrealização. Esse movimento, percebido desde os gregos, encontrou em Hegel, e especialmente em Marx, sua síntese mais sublime: o trabalho, que em sua gênese, é atividade vital, pode converter-se em ato alienado; o trabalho concreto, que cria coisas socialmente úteis, pode tornar-se subordinado ao seu contrário, o trabalho abstrato, fetichizado e estranhado. Mas, como lembrou Lukács, em sua quase desconhecida *Ontologia*, o *trabalho livre é também expressão de um primeiro momento de liberdade* que a exploração e as formas diferenciadas de opressão procuraram suprimir. Por isso o trabalho, ao mesmo tempo que transforma a natureza exterior, autotransforma a natureza de quem o realiza positiva ou negativamente. *Unilateralizar* o trabalho, não apreender sua dúplice e contraditória dimensão, é deixar de perceber sua verdadeira fonte de riqueza (e também de miséria).

Por isso, uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, somente poderá efetivar-se com a demolição das barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*, de modo que, de uma atividade vital cheia de sentido, de um trabalho autodeterminado, voltado para a criação de bens socialmente úteis, para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade, fundada no tempo disponível (que Gorz, aliás, sempre positivamente destacou) em que ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem a gestação de formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente, com uma nova modalidade de trabalho e de vida. Isso nos obriga, hoje mais do que nunca, a subverter radicalmente a lógica destrutiva do capital que preside a humanidade, levando-a aos níveis mais profundos de desumanidade e que somente a humanidade pode transformar.

[\(Voltar ao índice\)](#)

FÓRUM MUNDIAL DE TEOLOGIA E LIBERTAÇÃO

O primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação (FMTL) vai acontecer em Porto Alegre, de 21 a 25 de janeiro de 2005, antecedendo o V Fórum Social Mundial. O FMTL pretende reunir inspiração e energia de teólogos cristãos e teólogas cristãs, representantes das diversas regiões do mundo, unidos pelo mesmo sonho do Fórum Social Mundial: contribuir para que outro mundo seja possível. O evento busca uma maneira de debater sobre a contribuição das religiões para que outro mundo seja possível.

Para isso, foram convidados também alguns representantes qualificados, pertencentes a grupos minoritários dentre as religiões organizadas, mas que reivindicam uma atitude libertadora, com base em suas respectivas tradições religiosas frente aos problemas atuais da guerra, do ódio, da intolerância, etc. Assim sendo representantes do cristianismo e das demais diferentes religiões farão exposições sobre esses temas.

O projeto é um esforço para vincular a reflexão teológica libertadora com o espírito proposto pelo FSM nas anteriores edições. O FMTL terá como objetivo mostrar que em todo o mundo, os pobres e os que lutam ao seu lado não estão derrotados, ao contrário, inspirados em suas concepções religiosas, estão criando novas expressões teológicas para responder aos novos desafios. O FMTL espera reunir teólogos e teólogas, cristãos e cristãs, representantes de todos os continentes, que trabalham pela libertação em todas as suas dimensões.

O FMTL será ecumênico, com participação de diferentes tradições cristãs. A teologia cristã não pode ficar reduzida a si mesma, mas sim, estar aberta às diversas tradições religiosas. Desta forma, a perspectiva deste fórum será como se tem chamado ultimamente, a de um horizonte macroecumênico.

O objetivo geral do evento é realizar um Fórum Mundial de Teologia e Libertação, no espírito e no contexto criado pelo Fórum Social Mundial, oferecendo a oportunidade de diálogo, criatividade e enriquecimento mútuo. E seus objetivos específicos são estabelecer contatos e relações entre experiências e reflexões teológicas libertadoras, presentes nos diversos continentes; dar a razão de nossa esperança ativa: do que se tem realizado nos últimos anos, do que se está fazendo atualmente e das perspectivas futuras frente aos novos desafios; vincular nossa prática e nossas reflexões teológicas libertadoras, com a reafirmação da possibilidade de construção de um "outro mundo possível".

PROGRAMA

O Fórum Mundial de Teologia terá dois momentos diferenciados, mas inter-relacionados. O primeiro consistirá na elaboração de diversos relatórios escritos sobre a situação dos movimentos e das teologias de libertação nos diferentes continentes e regiões. Estes relatórios incluirão reflexões específicas, como teologias feministas, indígenas, *dalit*, afro-americanas, *minjung*, ecológicas, diálogos inter-religiosos, etc.

As pessoas dos diferentes continentes, encarregadas de redigir os relatórios, os enviarão ao comitê executivo que os colocará na rede (Internet), para que sejam acessados por todos os participantes do Fórum e interessados, com antecedência. O FMTL dedicará o primeiro dia para relatórios regionais, contatos, conhecimento entre as pessoas participantes e atividades.

O segundo momento do FMTL consistirá em uma reunião, de quatro dias de duração, que seguirá a temática geral do Fórum Social Mundial, "Outro mundo é possível", levando-o até o campo da Teologia.

Dia 22- Segunda-feira

Outro MUNDO é POSSÍVEL

Conferência: Análise de conjuntura global

Primeiro Painel: Problemas e possibilidades do mundo de hoje para a teologia.

Segundo Painel: O Lugar e as possibilidades da utopia hoje.

Trabalho em grupos

Dia 23 - Terça-feira

DEUS para outro mundo POSSÍVEL

Conferência: Linguagem e imagens sobre Deus

Primeiro Painel: Deus e gênero

Segundo Painel: Deus, tradições etno-culturais e universalização

Trabalho em grupos

Dia 24 - Quarta-feira

RELIGIÃO para outro mundo POSSÍVEL

Conferência: As crises das religiões, busca de fundamento e fundamentalismo

Primeiro Painel: Religião e mercado: Os bens da religião e sua "mercantilização"

Segundo Painel: Religião e poder político

Trabalho em grupos

Dia 25 - Quinta-feira

TEOLOGIA para outro mundo POSSÍVEL

Conferência: O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso

Primeiro Painel: Por uma ética mundial

Segundo Painel: O lugar da teologia em outro mundo possível

Trabalho em grupos

Organização

As instituições organizadoras são oito: Associação de Teólogos (as) do Terceiro Mundo; Ameríndia; Sociedade de Teologia e Ciências da Religião; Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação; Centro Ecumênico de Evangelização, Capacitação Assessoria; Escola Superior de Teologia; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Os coordenadores do FMTL em Porto Alegre são Luiz Carlos Susin e Evilázio Borges Teixeira.

Maiores informações sobre o FMTL podem ser obtidas pelo site <http://www.pucrs.br/pastoral/fmtl/>

Sobre o Fórum, *IHU On-Line* entrevistou, por e-mail, o teólogo Juan José Tamayo-Acosta. Também estamos publicando uma resenha do seu livro **Fundamentalismos e diálogo entre religiões**. Madrid: Editorial Trotta, 2004, de María José Fariñas Dulce, professora da Universidade Carlos III de Madrid. Confira os dois textos a seguir.

REFUNDANDO A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Entrevista com Juan José Tamayo-Acosta

O teólogo espanhol Juan José Tamayo-Acosta, um dos organizadores do Fórum Mundial de Teologia e Libertação considera que o encontro pode proporcionar “uma refundação da teologia da libertação” e uma oportunidade para ela incorporar “as mudanças que o novo contexto demanda e responder, assim, aos desafios que a realidade mundial estabelece à Teologia”. Ele foi entrevistado com exclusividade pelo **IHU On-Line**, por e-mail. Licenciado em Teologia pela Universidade Pontifícia de Comillas, Tamayo é doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia de Salamanca, diplomado em Ciências Sociais pelo Instituto León XIII e licenciado e doutor em Filosofia e Letras pela Universidade Autônoma de Madrid. O teólogo é também diretor da Cátedra de Teologia e Ciências das Religiões Ignacio Ellacuría, da Universidad Carlos III de Madrid, na Espanha, e membro do Conselho Assessor do IV Parlamento das Religiões. É autor de dezenas de livros, entre os quais cabe citar: **Para comprender la escatología cristiana**. Estella: Verbo Divino, 1993; **Presente y futuro de la teología de la liberación**. Madrid: San Pablo, 1994; **Para comprender la crisis de Dios hoy**. Estella: Verbo Divino, 1998; **Leonardo Boff. Ecología, mística y liberación**. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1999; **Panorama de la teología latinoamericana**. Estella: Verbo Divino, 2002; **Adiós a la Cristiandad**. Barcelona: Ediciones B, 2003; **Aportación de las religiones a una ética universal**. Madrid: Dykinson, 2003; **El cristianismo ante los grandes desafíos de nuestro tiempo**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 2004; **Fundamentalismos y diálogo entre las Religiones**. Madrid: Trotta, 2004. A editora Trotta, de Madri, está com lançamento agendado para este ano de mais duas obras de Tamayo. São elas **Nuevo Diccionario de Teología** e **Diez palabras clave sobre derechos humanos**. De Tamayo, publicamos um artigo intitulado *Há razões para crer?*, no **IHU On-Line** nº 65, de 23 de junho de 2003, e outro artigo intitulado *O diálogo entre crenças*, na 115ª edição, de 13 de setembro de 2004.

IHU On-Line - A religião e a espiritualidade podem contribuir para a construção de outro mundo possível? Quais são as expectativas que há em torno do primeiro Fórum Mundial de Teologia e Libertação e qual seria sua relação com o Fórum Social Mundial?

Tamayo-Acosta - As expectativas em torno de ambos os fóruns são muito grandes. E creio que estão justificadas. O Fórum Social Mundial é hoje um dos movimentos internacionais de mais credibilidade no terreno das transformações políticas, sociais, econômicas e culturais, e das alternativas e propostas de “outro mundo possível”. Conta com uma curta, porém bem guiada, trajetória no horizonte da emancipação e libertação em nível mundial. Parece-me ser uma das expressões mais importantes da consciência crítica contra a globalização neoliberal que hoje impera nos organismos internacionais, na maioria dos governos nacionais e no mundo das finanças. Em bastantes setores do Primeiro Mundo, existe a crença de que a teologia da libertação morreu, que foi arrastada pelo furacão da globalização. Em não poucos ambientes religiosos do Terceiro Mundo, se tem a impressão de que a teologia da libertação perdeu vitalidade. Por isso, parece-me muito necessária a celebração deste Fórum Mundial de Teologia e Libertação, do qual sou organizador e palestrante, não tanto para repelir o exposto nas décadas anteriores, senão para incorporar no paradigma da teologia da libertação as mudanças que o novo contexto demanda, e responder, assim, aos desafios que a realidade mundial estabelece à Teologia. Eu vejo este Fórum como uma refundação da teologia da libertação. Trata-se de dois acontecimentos em plena sintonia e convergência. Celebrá-los, em datas próximas e no mesmo lugar, é muito significativo.

IHU On-Line - Quais são os desafios do mundo contemporâneo que mais interpelam a Teologia?

Tamayo-Acosta - Estamos vivendo uma mudança de época, mais do que uma época de mudanças. Quando nós sabíamos todas as respostas, mudaram-nos todas as perguntas e ficamos sem referenciais. É necessário, portanto, conhecer as novas perguntas, identificar as principais manifestações dessa mudança de época e os desafios que se propõem à Teologia, ou melhor, às teologias. Entre as muitas mudanças e desafios produzidos nas últimas décadas, os mais importantes, na minha opinião, são os seguintes: o primeiro é a *globalização*, "*realmente existente*" em sua modalidade neoliberal, que tem caráter excludente, não só de pessoas e de setores da população, senão de povos e continentes inteiros, e está provocando assimetrias em todos os campos: econômico, político, cultural... Uma das respostas mais certas e melhor orientadas a este fenômeno são os movimentos altermundistas. O cristianismo, como religião universal, pode contribuir para superar esse caráter excludente, fomentando uma globalização da solidariedade e da esperança, da justiça e da paz, dos direitos humanos, sociais e ecológicos, das alternativas e lutas por um mundo onde caibam todos os mundos. O segundo desafio é o atual *pluralismo religioso e cultural*. Não vivemos em tempos de cultura única, senão de uma pluralidade de culturas que, por meio da imigração e dos deslocamentos humanos, tem lugar no mesmo território. Tampouco vivemos em tempos de religião única, senão de uma pluralidade de religiões, também numa mesma população. Este pluralismo não pode, senão, levantar problemas de convivência e constitui uma riqueza do humano que deve ser potencializada. O cristianismo não pode responder a este desafio, entrenchando-se em sua pretensão de ser a única religião verdadeira, fora da qual não há salvação. A atitude deve ser o diálogo inter-religioso em busca da verdade e de uma ética comum a todas as religiões. Como afirma Raimon Panikkar, "sem diálogo o ser humano se asfixia e as religiões se anquilosam". Outro desafio é a *pobreza estrutural* concentrada majoritariamente no Terceiro Mundo, a qual requer, de parte do cristianismo, um novo discurso e uma nova práxis, representados na teologia da libertação, e não na tradicional "teologia do vale de lágrimas". No Terceiro Mundo, se encontram 70% dos cristãos e cristãs. Por isso, pode-se dizer, com razão, como o teólogo alemão Metz, que a Igreja cristã é Igreja do Terceiro Mundo, com uma proto-história européia-ocidental. Pois bem, o discurso e a práxis de libertação não são exclusivos do Terceiro Mundo; devem se fazer realidade no Primeiro Mundo. Um novo desafio é a *revolução biogenética* em suas múltiplas expressões: experimentação com células-tronco embrionárias com fins terapêuticos; eutanásia, que implica morrer com dignidade; regulação da natalidade; técnicas de reprodução assistida; bioética; etc. Na maioria dos casos, trata-se de avanços benéficos para a humanidade, já que facilitam a qualidade de vida e ajudam a aliviar a dor. Porém, por sua vez, levantam não poucas interrogações existenciais, éticas e religiosas. Ante esta revolução, o cristianismo não pode se entrenchar num universo fechado, nem voltar a repetir as condenações que fez a outras revoluções científicas no passado. Ele precisa analisá-la em profundidade e em suas conseqüências, sem preconceitos dogmáticos, nem pretensões autoritárias, e valorizar as novas possibilidades e esperanças na vida dos seres humanos, defendendo a igualdade de todos os seres humanos, sua liberdade e irrepetibilidade. Desafio importante é também a *revolução feminista*, que questiona o caráter patriarcal e androcêntrico das estruturas mentais, da organização social e das religiões, propondo modelos de relação simétrica, inter-independente, não opressora. Trata-se de uma revolução incruenta, à qual o patriarcado está respondendo de maneira agressiva, com a violência de gênero como instrumento contundente para seguir mantendo o poder. O cristianismo pode ativar as tradições que defendem a igualdade, não-clônica, entre homens e mulheres, e deve questionar as que promovem a discriminação por razões de gênero. Igualmente relevante é o desafio da *sexualidade*, uma das assinaturas pendentes no cristianismo e, muito especialmente, na Teologia, que tende a fazer uma consideração dualista

e adota, com frequência, uma atitude repressiva frente ao corpo, pouco condizente com as origens do cristianismo. O cristianismo faria bem em assumir autocriticamente, como seu, o poema de Eduardo Galeano: “Diz o mercado: o corpo é um negócio; diz a Igreja: O corpo é pecado; diz o corpo: eu sou uma festa”.

IHU On-Line - Como seria a “outra Teologia” possível e necessária para construir o “outro mundo possível”?

Tamayo-Acosta - Não é uma questão fácil de responder, muito menos de maneira rápida, como o requer o gênero literário de uma entrevista. Esta é a pergunta à qual pretendo responder com minha conferência no Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Vou fazê-lo de maneira telegráfica. Creio que os modelos teológicos anteriores – e aqui incluo algumas tendências da teologia moderna e da teologia da libertação – mostram certos sintomas de cansaço em suas análises e de esgotamento em suas respostas. Responde com frequência a perguntas que quase ninguém faz, ou oferece soluções do passado aos problemas angustiantes que as pessoas vivem hoje. Por onde tem que caminhar a “outra Teologia”? Adianto aqui as linhas que desenvolverei com mais amplitude em minha conferência. Creio que é necessário passar:

- da teologia cristã da libertação à teologia inter-religiosa da libertação; o atual pluralismo religioso o exige; a libertação se requer de todas as religiões;
- da inculturação da teologia à teologia intercultural em diálogo com todas as culturas;
- da teologia como mera exegese de textos à teologia hermenêutica superadora dos fundamentalismos, nos quais, com tanta frequência, se instalam as religiões;
- da teologia patriarcal e androcêntrica à teologia em perspectiva de gênero;
- da teologia antropocêntrica, que legitima o modelo de desenvolvimento científico-técnico da modernidade, a uma teologia em perspectiva ecológica;
- da teologia dogmática à teologia simbólica. Os dogmas, que são uma convenção da linguagem de uma determinada comunidade, convertem-se em dogmatismo, quando pretendem se impor em sua formulação literal sem interpretação, esquecendo a distância cultural entre a época da formulação e o novo contexto. O dogmatismo empobrece o símbolo. O que no símbolo é polissêmico, as posições dogmáticas tendem a convertê-lo em unívoco;
- da teologia no horizonte da razão pura para a teologia no horizonte da razão prática, com a correspondente articulação entre ortodoxia e ortopraxis, que se repensa, se reconstrói e se reformula nos processos históricos;
- da teologia como disciplina auto-suficiente e rainha dos saberes à interdisciplinaridade;
- da teologia como saber único sobre Deus à teologia em diálogo com as ciências das religiões;
- da teologia social, política e economicamente neutra, a uma teologia situada no lugar social dos excluídos e nas lutas dos movimentos alteromundistas. O lugar social, político e geográfico da teologia da libertação não é Davos, onde se reúnem os defensores da globalização de todos os países ao grito de “proprietários do mundo, uni-vos” e elaboram a teologia neoliberal, senão Porto Alegre, onde nós reunimos os movimentos religiosos libertadores com os movimentos alteromundistas e elaboramos uma teologia intercultural e inter-religiosa da libertação. A Teologia deve inserir-se nesses movimentos, acompanhá-los, compartilhar com eles as lutas de emancipação, sem complexos nem de superioridade, nem de inferioridade, com sentido crítico e criativo, escutando, ao mesmo tempo em que aduz as tradições solidárias, emancipatórias e fraterno-sororais das religiões;
- da teologia comodamente instalada no sistema, na cultura da satisfação, a uma teologia onde se volte a escutar a indignação e o grito de protesto dos oprimidos;

- da teologia como sistema fechado e imutável de verdades à teologia como busca conjunta da verdade, atendendo ao caráter dialógico da razão, também da razão teológica.

IHU On-Line - A que chamamos hoje de teologia e libertação e que diferenças poderíamos assinalar com a teologia da libertação da década de 1970?

Tamayo-Acosta - Num primeiro momento, a teologia latino-americana da libertação do final dos anos 1960 e princípios dos anos 1970 pôs as bases metodológicas e epistemológicas do novo modo de fazer Teologia, fundamentando, creio que com grande solidez, o novo paradigma. Num segundo momento, aplicou as novas bases aos principais temas da teologia cristã, estudados na chave da libertação: Jesus de Nazaré, Deus, Igreja, sacramentos, graça, pecado, salvação, revelação, escatologia, moral. Duas são as principais mediações: a hermenêutica, desde a perspectiva da opção pelos pobres como horizonte global e como verdade de fé, verdade teológica e cristológica; e a mediação socioanalítica, com o recurso às ciências sociais como palavra primeira, sendo a Teologia a palavra segunda. As ciências sociais foram entendidas, na maioria das correntes da teologia da libertação, como momento interno da metodologia. Depois se desenvolveu em outros continentes, não mimeticamente, senão de maneira original e criativa, respondendo aos diferentes contextos: teologias asiáticas da libertação, teologia africana da libertação, teologia contextual na África do Sul, teologia negra da libertação, teologia hispânica da libertação. A primeira teologia da libertação centrou-se, de maneira prioritária e quase única, na contradição socioeconômica pobres/ ricos, opressores/ oprimidos, como contradição principal, tal como se dava no continente. Não descuidou, é verdade, da discriminação por razões culturais, radicais e étnicas, mas também não lhe deu a atenção necessária. O mesmo se pode dizer, e com maior razão, da discriminação por razão de gênero, na qual apenas reparava e, quando o fazia, era para considerá-la uma contradição secundária. Durante as duas últimas décadas e até o presente, a teologia da libertação vem tomando consciência das novas escravidões entrelaçadas, abriu-se a novos horizontes a partir dos desafios que a própria realidade levanta, tanto em nível internacional como continental, dos distintos níveis de consciência e dos novos rostos e sujeitos emergentes: a terra, as mulheres dupla ou triplamente oprimidas (por ser mulheres, por pertencer aos setores empobrecidos e por ser membros de raças, etnias, culturas, como as comunidades indígenas e afro-americanas, as comunidades camponesas ou religiões negadas), os meninos e as meninas de rua, os setores de população e os povos excluídos por força do neoliberalismo, movimentos religiosos, etc. Todos eles constituem as "alteridades negadas". A teologia da libertação está mostrando maior sensibilidade ao pluralismo religioso e cultural que se dá na América Latina. Ela também tem em conta o crescimento numérico e a importância dos novos movimentos religiosos, o neopentecostalismo, por exemplo, que não pode ser considerado alienante em bloco, pois possui importantes elementos libertadores que a nova teologia da libertação não deveria descuidar. Isso deu lugar a novas tendências na teologia da libertação, sensíveis às formas plurais de escravidão e de marginalização, que se dão na América Latina, como conseqüência da globalização realmente existente, cada vez mais excludente e anti-solidária. Citarei algumas das mais significativas: *A teologia sob perspectiva de gênero* parte das experiências de sofrimento e de luta das mulheres dupla ou triplamente oprimidas, convertidas em escravas pelo sistema patriarcal, aliado ao modelo econômico neoliberal. Recorre à hermenêutica da suspeita sobre o caráter androcêntrico dos textos bíblicos e de suas traduções, bem como da formulação dos conteúdos fundamentais da fé, ao mesmo tempo em que questiona, em sua raiz, a organização patriarcal das instituições eclesiais. Propende à criação de uma sociedade de iguais não-clônica e a uma igreja inclusiva de homens e mulheres com igualdade de direitos e deveres. *A teologia afrolatino-*

americana se mostra sensível à discriminação racial, se encarna na situação de escravidão em que vive a maioria dos afro-descendentes e faz sua aspiração deles à liberdade. Parte da identidade cultural da comunidade negra questiona a dominação religiosa à qual foi submetida durante séculos e critica o fetiche do branco. Lê os textos sagrados, baseando-se em suas traduções ancestrais da Bíblia, e esta naqueles de chave libertadora, pela vivência comunitária dos valores de ambas as tradições, comprometendo-se em sua luta pela libertação. A *teologia indígena* se entende como sabedoria religiosa dos pobres originários da Ameríndia. Pretende afirmar sua identidade mediante a recuperação e dignificação de suas tradições religiosas e culturais, que considera verdadeiros lugares teológicos e espaços de revelação. É uma teologia cósmico-ecológica, celebrativo-festiva, mítico-simbólica, que busca o equilíbrio entre divindade, natureza e comunidade. Em sua base, se encontra a memória histórica coletiva das comunidades indígenas, mas também o novo contexto cultural da América Latina. A *teologia econômica da libertação* reconhece a relevância teológica da economia, a qual opera com freqüência com categorias religiosas, e não precisamente humanitárias e abertas, senão excludentes e dogmáticas, desmascara o caráter idolátrico e fetichista da “religião econômica” do mercado, tem como princípio o Deus da vida e explicita os valores cristãos do compartilhar e da solidariedade, da justiça e da igualdade como alternativas à competitividade e ao individualismo, valores defendidos pela teologia neoliberal. A *teologia ecológica* critica o modelo de desenvolvimento científico-técnico da modernidade, por não ser universalizável nem integral; um desenvolvimento que desemboca em escravidão para com a natureza, convertida em objeto de uso e abuso para satisfação de suas necessidades, a maioria das vezes artificiais, do ser humano. Questiona igualmente as tradições cristãs – bíblicas e teológicas – que contribuíram para legitimar esse modelo de desenvolvimento. Mostra-se igualmente sensível ao grito do pobre e ao grito da terra, que clamam por sua libertação, propõe uma relação de interdependência não opressiva entre o ser humano e a natureza, de sujeito a sujeito, reconhece os direitos de ambos e tenta compaginar a justiça social e a justiça ecológica. A *teologia do pluralismo religioso e intercultural* reconhece a existência de uma pluralidade de tradições culturais e religiosas na América Latina, as quais considera uma riqueza, e tenta recuperar as dimensões libertadoras nas distintas religiões e culturas. Até agora, o discurso da teologia da libertação se elaborou, em sua maioria, de uma religião, o cristianismo, e de uma cultura, a ocidental. Sem embargo, a libertação não é assunto de uma só cultura nem de uma só religião, senão de todas, sob o lema “muitos pobres, muitas religiões, muitas culturas”. É preciso passar do cristianocentrismo e do etnocentrismo cultural ao policentrismo religioso e cultural.

IHU On-Line - Qual é o papel do cristianismo e das religiões no mundo contemporâneo? O que a religião, e somente ela, pode ainda oferecer ao ser humano e à sociedade?

Tamayo-Acosta - O cristianismo e as religiões são chamados a exercer as funções que já recordara Marx em sua *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*: ser o grito da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de um mundo carente de espírito. Isso se deve traduzir numa série de tarefas urgentes e irrenunciáveis: defesa da igualdade dos seres humanos e condenação das discriminações de todo tipo; compromisso na defesa da vida dos seres humanos e da natureza; participar no diálogo de civilizações; trabalho pela justiça e pela paz a partir da não-violência ativa; prática da tolerância com as pessoas crentes das distintas religiões e com as não-crentes; atitude de hospitalidade para com os deslocados, refugiados, perseguidos políticos, imigrantes, etc.; reconhecimento e respeito da autonomia das realidades temporais; prática da democracia e dos direitos humanos na organização interna das religiões; contra o fatalismo e a favor da esperança e da utopia.

Desenvolvo mais amplamente estas tarefas em meu livro *Fundamentalismos y dialogo entre religiones* (Madri: Trotta, 2004).

IHU On-Line - Como “outra religião” e “outra Teologia” poderiam influenciar uma sociedade de globalização do mercado, de injustiça e de miséria?

Tamayo-Acosta - Dando testemunho de justiça, de pobreza, de solidariedade na própria vida; pregando com o exemplo, como já se dizia antes. Por sua vez, sendo conscientes de que as religiões têm uma responsabilidade global irrenunciável na resposta aos problemas da humanidade, sobretudo quando alguns desses problemas estão sendo provocados ou alentados de distintas formas pelas próprias religiões.

IHU On-Line - “Outro Deus” é possível? Que coisas deveriam mudar na imagem de Deus que os religiosos, especialmente o cristianismo, comunicam?

Tamayo-Acosta - Outro Deus é possível e necessário. As imagens de Deus mais usuais, com as quais operam as religiões, afastam mais do que aproximam a divindade. São imagens que relacionam Deus com o poder onipotente e o vinculam com os poderosos da terra; imagens associadas ao varão e a atributos varonis, que legitimam a organização patriarcal da família, das religiões, da sociedade, do Estado, da economia, da cultura, do saber, em todos os campos do ser e do fazer humanos. Com razão, se pergunta a teóloga alemã, recentemente falecida, Dorothee Sölle: Por que os seres humanos adoram a um Deus cuja qualidade mais importante é o poder, cujo interesse é a submissão, cujo medo é a igualdade de direitos?” Creio ser preciso privilegiar as imagens de Deus relacionadas com a natureza, como “fonte de todos os bens”, “luz”, “vento vivo”, “água da vida”. Tais imagens sintonizam com as da tradição mística e expressam a unidade com o todo, e não a submissão ao todo. Pode-se recorrer a termos que expressem profundidade, como “mar”, “profundeza”, “fundo” (“Deus no fundo do ser”, dirá Paul Tillich). As imagens relacionadas com o amor, como *Ágape*, Amante, Amigo, se encontram nas melhores tradições sapienciais, proféticas, filosóficas e teológicas. Deus como *Ágape* sublinha o amor que se dá inteiramente, sem esperar nada em troca. Deus como amante acentua sua presença junto à pessoa amada que está passando mal, sua implicação no sofrimento do mundo, sua compaixão com os que sofrem, implica solidariedade, empatia e, inclusive, identificação com todo o vivente. A imagem do amante nos místicos expressa o amor apaixonado, ardente e doce de Deus. Deus é “o único que ama o mundo sem evitar sujar as suas mãos, senão total e apaixonadamente, desfrutando de sua variedade e de sua riqueza, encontrando-o atrativo e valioso, recreando-se em sua realização”. Outra imagem adequada pode ser a de Amigo. “Sem amigos, ninguém quereria viver, mesmo quando tivesse todos os outros bens”, afirma Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (1.155a). Pois bem, o filósofo grego crê que, quando a distância é tão grande como a que separa os seres humanos da divindade, não resulta possível a amizade (1.159a). Outro é o ponto de vista de Tomás de Aquino, que fala da analogia da amizade com Deus com a amizade humana. Dado que, prlo Espírito, chegamos a ser *como* amigos de Deus, afirma, podemos recorrer a ele na desgraça em busca de consolo, conversar com ele, compartilhar bens e segredos íntimos e, inclusive, desfrutar de paz, gozo e segurança em sua presença. Contudo, na teologia de Tomás de Aquino, Deus não aparece como amigo. Uma nova imagem da teologia metafórica é o mundo como corpo de Deus e, assim, o corpo do mundo como lugar de encontro com Deus, o que significa que “a imanência tem um caráter ‘universal’ e sua transcendência um caráter ‘terrenal’”; Nesta linha, a Trindade se apresenta como mistério de relação com o mundo, de comunhão tripessoal e de comunicação com a humanidade. Frente à doutrina tomista, que estabelece a ausência de “relação real” de Deus com a criatura e a imagem de um Deus “solitário e narcisista que sofre

de tão completo que é”, segundo a atinada descrição de W. Kasper, é necessário considerar o ser-em-comunhão como constitutivo da natureza divina. O divino não se entende por meio de termos excludentes, mas de categorias de relação dinâmica e harmônica entre opostos: poderoso e débil, presente e oculto, sofredor e consolador, etc. Nesse contexto, se produz uma mudança na concepção do poder de Deus: não é um poder arrogante, opressivo, que recorre à violência, mas um poder-em-relação, que torna os seres humanos partícipes do poder da vida e o converte, não em Deus-sobre-nós, senão em Deus-em-nós.

***IHU On-Line* - Qual é a contribuição mais importante da teologia islamo-cristã da libertação?**

Tamayo-Acosta - Este é um dos campos no qual agora mesmo estou trabalhando junto com teólogos e teólogas muçulmanas, pertencentes à corrente do euro-islã e à incipiente tendência feminista, cujas propostas desenvolvi em meu livro já citado, ***Fundamentalismo y diálogo entre religiones***. (Madri: Trotta, 2004). A primeira contribuição desta teologia é a gradual superação dos estereótipos, preconceitos, receios e desconfianças que o islã e o cristianismo têm um do outro. Existe uma tendência generalizada de ambas as partes em ver o cisco no olho alheio e não ver a viga no próprio. A segunda é o esforço que estamos fazendo para superar a ignorância mútua que uma religião – incluídos os seus teólogos e teólogas – têm uma da outra. Quatro são, entre outros, os campos nos quais estamos trabalhando para elaborar uma teologia islamo-cristã da libertação: a imagem de Deus; a ética; a mulher; e os direitos humanos. As duas religiões têm sido extremamente bélicas e têm recorrido a Deus para justificar as guerras islamo-cristãs. Creio que é preciso inverter a tendência e passar do Deus dos exércitos ao Deus da paz, como aparece nos textos fundantes de ambas as tradições religiosas. Crentes das duas religiões temos ido juntos às grandes manifestações contra a guerra e temos condenado os atentados de 11 de setembro e 11 de março, temos refletido juntos sobre as causas da guerra e sobre os caminhos da paz, temos desvinculado as religiões do terrorismo e temos celebrado atos religiosos em recordação das vítimas. Cristianismo e Islã são religiões monoteístas, mas o monoteísmo que têm em comum não é de caráter metafísico, mas ético: a mensagem dos profetas, de Jesus de Nazaré e de Mohammad, se orienta para a prática da justiça. Conhecer Deus é praticar a justiça, o direito. Nas duas religiões, há movimentos de libertação. O Islã, como cultura e religião, está oferecendo uma forte resistência à globalização neoliberal. As duas religiões contam com uma teologia androcêntrica, uma organização patriarcal, na qual as mulheres são invisíveis, ou melhor, invisibilizadas, apelando a seus fundadores, quando a realidade é que a marginalização das mulheres corresponde a situações históricas. As mulheres não de ser reconhecidas como sujeitos religiosos, teológicos, morais, e não de ler os textos sagrados com a sua própria subjetividade. Atualmente, em ambas as religiões, está se realizando uma hermenêutica feminista que lê o Alcorão e a Bíblia em perspectiva de gênero e estão se recuperando as tradições igualitárias das origens: protagonismo das mulheres no movimento de Jesus e nas primeiras comunidades cristãs; papel importante das esposas de Mohammad e no nascimento e desenvolvimento do Islã; Jadicha, Aixa, etc. O quarto campo de trabalho comum são os direitos humanos. Nenhuma das duas religiões tem sido exemplar na defesa dos direitos humanos na sociedade e no respeito ou reconhecimento dos mesmos em seu seio. O catolicismo institucional se opôs aos princípios da revolução francesa: “liberdade, igualdade e fraternidade” e à declaração dos direitos do homem e do cidadão. Não poucos são os países muçulmanos que transgridem os direitos humanos: liberdade de expressão, liberdade religiosa, igualdade homem-mulher, etc. Por sua vez, mostram-se pouco diligentes no reconhecimento do pluralismo, na prática da democracia e dos direitos humanos no interior de cada religião. Um crente, um voto, é uma proposta considerada

heterodoxa e apenas praticada. Esta é uma face das duas religiões. A outra é que muitos dos homens e mulheres que lideram a luta pelos direitos humanos pertencem a essas religiões e têm uma motivação religiosa na referida luta.

O DIALOGO COMO RESPOSTA

Por Maria José Fariñas Dulce

*María José Fariñas Dulce, professora de Filosofia de Direito da Universidad Carlos III de Madrid escreveu a resenha que aqui publicamos, sobre o livro de Juan José Tamayo-Acosta **Fundamentalismos e diálogo entre religiões**. Madrid: Trotta, 2004.*

Em artigo publicado no jornal **El Correo**, parafraseando o teólogo Juan José Tamayo, eu dizia que “correm maus tempos para o laicismo”. Poderia dizer agora eufemisticamente, em alusão a seu interessante livro **Fundamentalismos e diálogo entre religiões**, que “correm bons tempos para os fundamentalismos”, já que assistimos, nos últimos anos, a sua perigosa expansão pelo mundo inteiro.

Encontramo-nos diante de um livro oportuno e pedagógico por sua temática, interessante e enriquecedor pela contribuição de conhecimentos e lúcidas análises, e, ao mesmo tempo, comprometido e valente, como toda a obra de Juan José Tamayo. Sua leitura nos permite comprovar o auge tão espetacular que os *fundamentalismos* estão tendo em nossas sociedades no começo do século XXI. O autor mostra, sob uma perspectiva analítica, mas também crítica, os diferentes tipos de fundamentalismos existentes, desde o religioso, o político e o cultural, passando pelo, não menos importante, fundamentalismo econômico ou de mercado. Além disso, é de se agradecer, que ele nos ilustre com uma análise do próprio termo “fundamentalismo”, precisamente agora que ele tem-se introduzido na cotidianidade de nossas diferentes linguagens. O termo “fundamentalismo” tem uma origem perigosa, já que surgiu no seio do protestantismo evangélico na segunda metade do século XX, nos EUA. Mas como fenômeno socioistórico, todo fundamentalismo consiste, diz Tamayo contundentemente, “na absolutização de uma verdade, religião, cultura, etc., que se pretende impor, inclusive recorrendo à força, como a única e universalmente válida” (p. 17).

Os elementos centrais da primeira parte de **Fundamentalismos e diálogo entre religiões** se centram na análise detalhada dos dois tipos de fundamentalismos que Tamayo considera que exercem, atualmente, um domínio mais absoluto: o fundamentalismo religioso e o fundamentalismo econômico.

O fundamentalismo religioso se enquadra no que poderíamos denominar um retrocesso no processo histórico de secularização da sociedade ocidental moderna ou no que Salvador Giner denomina “processo de *dessecularización*”². Parece que o denominado “processo de secularização” do mundo moderno não tem sido tão inevitável e totalizador como nos fizeram acreditar. Ao contrário, não só estamos assistindo, nas últimas décadas, a uma “pós-modernizada” restauração de todas as religiões institucionais (islã, judaísmo, evangelismo, hinduísmo, confucionismo, budismo...) e ao surgimento de um sem fim de novos movimentos religiosos ou espirituais de diferente caráter - senão que assistimos agora à inversão mesma do processo de secularização. Estaríamos diante de uma renovada “consagração do profano” ou sacralização das realidades terrenas ou, como Tamayo diz, diante de “o retorno dos deuses e das deusas”, tema ao qual dedica um extenso capítulo da obra. Isso se evidencia

² Salvador GINER, *Carisma y razón. La estructura moral de la sociedad moderna*. Madrid: Alianza Editorial, 2003

especialmente em uma renovada e inquietante presença da religião nos âmbitos leigos da vida pública e política, com uma crescente contribuição das crenças religiosas privadas na ética política e na ética dos negócios.

Tamayo analisa muito inteligentemente o fundamentalismo religioso sob a perspectiva das três religiões monoteístas (cristianismo, judaísmo e islã) e nesses três âmbitos identifica suas características comuns: “rechaço à mediação hermenêutica, renúncia à linguagem simbólica, opção pela linguagem bíblica realista, recurso à violência em determinadas ocasiões, condenação da Modernidade, concepção milenar da história, linguagem dualista, absolutização da tradição e mentalidade dogmática” (cap. III). O fundamentalismo religioso conduz a posições dogmáticas e imobilistas, que quase sempre provocam situações de enfrentamento e de divisão entre religiões e culturas.

O fundamentalismo econômico é focado pelo autor sob uma perspectiva inovadora e muito interessante, a perspectiva da criação de uma nova religião universal: a religião do mercado (cap. IV). Esta nova religião universal conta com seu próprio credo, seus textos canônicos, seus próprios valores universais, seus próprios teólogos e sua própria ideologia: a ideologia neoliberal do mercado. Nunca uma religião foi capaz de estender tão universal e eficazmente seu credo como o fez a religião do mercado. Mas, o autor vai além e considera que a atual ideologia neoliberal, que se apoderou do funcionamento do capitalismo, tem dado lugar a uma globalização dos mercados, caracterizada por seu totalitarismo e seu fundamentalismo. Conduz a um determinismo econômico, que nega a possibilidade de alternativa alguma, ao mesmo tempo que constrói a realidade em função de seus interesses econômicos de classe.

Na segunda parte do livro, Tamayo coloca em cena a proposta mais interessante e nuclear: o “diálogo inter-religioso e intercultural” como fio condutor de um novo paradigma teológico e como base para uma “aliança de civilizações”, que possam garantir a paz e o progresso compartilhado. O “diálogo entre religiões” é apresentado como um novo horizonte, entre outros, para a construção de um “novo paradigma teológico”³. Conforme o autor, as religiões se encontram em uma situação privilegiada para promover o “diálogo inter-religioso e intercultural” frente aos que se empenham na defesa do “choque de civilizações” e do conflito maniqueísta entre culturas, que não é mais do que um meio para impor, de novo, uma cultura única e hegemônica como instrumento unilateral de dominação. Tamayo se mostra inflexível com as teses integristas e xenófobas, que alentam o enfrentamento ou a guerra de religiões e culturas. Frente a toda postura integrista, dogmática ou fundamentalista, que nega ou, inclusive, criminaliza os diferentes, propõe uma ética da alteridade e do diálogo. Uma estratégia “dialógica” frente às estratégias “dialéticas” de enfrentamento entre uns e outros, entre religiões, culturas ou cosmovisões diferentes. Uma estratégia de “reconhecimento” e de “aceitação” dos “outros”, da “alteridade”, da “diferença” e do “pluralismo”; de compreensão, de integração e de abertura autocrítica, porque nenhuma religião ou cultura tem sido, nem pode ser, única, fechada ou pura.

“Diálogo inter-religioso e interculturalidade” são as palavras-chave na interessante e utópica proposta que Juan José Tamayo realiza neste livro, mas, além disso, para os que o conhecemos e acompanhamos sua obra, constitui o *leit motiv* de todo seu amplo, intenso e comprometido labor intelectual. Basta tão só um exemplo: a dedicatória do presente livro: à Plataforma para o Diálogo Inter-religioso de Madri, que reúne cerca de 50 tradições espirituais,

³ Os horizontes deste “novo paradigma teológico”, proposto por Tamayo, são os seguintes: o *intercultural*, o *inter-religioso*, o *hermenêutica*, o *feminista*, o *ecológico*, o *ético-prático*, o *utópico*, o *anamnético*, o *econômico*, o *das ciências das religiões* e o *simbólico*, mediante os quais se pode desarticular todo possível dogmatismo. Conferir Juan José TAMAYO, *Novo paradigma teológico*, Madrid, Trotta, segunda edição revisada, 2004.

religiosas e leigas. O “diálogo inter-religioso” comporta uma atitude recíproca e solidária para com a construção de um novo “consenso” universal, com base no pluralismo religioso e cognitivo. Pretende-se, pois, encontrar um ponto de unidade da e com a diversidade, isto é, um ponto de encontro, sem marginalizar nem inferiorizar o diferente, porém reconhecendo a validade moral das diferentes éticas religiosas.

Como exemplo de diálogo possível ou, inclusive, de “aliança de civilizações”, Tamayo expõe uma série de linhas básicas para abrir um diálogo entre cristianismo e islã (cap. VII), além dos estereótipos e das ignorâncias mútuas. Propõe buscar pontos de encontro e heranças comuns entre ambas as concepções religiosas e promove a construção de uma teologia cristã e muçulmana da libertação, baseada em três campos compartidos: a idéia de um Deus da paz, a busca de uma ética libertadora e a hermenêutica de gênero. Ao mesmo tempo, denuncia o medo da atual hierarquia da Igreja Católica ao diálogo inter-religioso (cap. VIII), que supõe uma severa regressão no caminho ecumênico aberto no Concílio Vaticano II, e duras condenas aos teólogos católicos que trabalham em prol de um diálogo ecumênico e libertador. O ponto álgido de dita regressão foi alcançado no ano 2000 com a declaração *Dominus Iesus*, da Congregação para a Doutrina da Fé, que, na opinião de Tamayo, cai no fundamentalismo, quando apresenta uma concepção reducionista e caricaturesca do diálogo entre religiões, negando a possibilidade da existência de equivalentes funcionais nas diferentes concepções religiosas.

A “interculturalidade” nos remete à transversalidade da cultura. Além da mera justaposição de culturas ou religiões, expostas, às vezes, como figuras decorativas nas vitrinas de um museu, Tamayo advoga pela comunicação entre culturas, religiões e cosmovisões diferentes. A “interculturalidade” é um conceito relacional, que nos remete a conviver e interatuar com a pluralidade do mundo, constatando a enriquecedora mestiçagem e a inevitável contaminação das pretendidas religiões ou culturas “puras”, exclusivas e excludentes.

É inegável a dimensão utópica e libertadora destas propostas e, inclusive, poderiam parecer inalcançáveis. Mas, por que não? Além disso, o “diálogo inter-religioso e intercultural” não deve constituir simplesmente uma meta longínqua, e sim uma tarefa constante e construtiva de um mundo melhor, mais ainda, um imperativo categórico que compromete os crentes das diversas religiões e os não-crentes das diferentes ideologias. Juan José Tamayo, com sua extensa e intensa obra, nos convida a caminhar nesse sentido, seguindo a mensagem do poema de Jorge Debrav: “Hoje encontrei um homem caminhando! Sem se apoiar em ninguém, caminhando. Sem que houvesse caminho, caminhando. Como se tudo o estivesse chamando, caminhando. Como se não quisesse chegar tarde, caminhando”.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EVENTOS IHU

IHU oferece intensa programação em 2005

*O Instituto Humanitas Unisinos preparou uma vasta programação de eventos e atividades para o ano que se inicia. A seguir, apresentamos aos leitores uma série de matérias, detalhando as principais atividades do primeiro semestre de 2005. As referidas informações estão disponíveis no sítio www.ihu.unisinos.br Leia semanalmente nas edições do boletim **IHU On-Line** entrevistas exclusivas com os palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU.*

MISSA EM SI MENOR, DE J. S. BACH. UMA CELEBRAÇÃO PERCEPTIVA.

*Missa em si menor, de Johann Sebastian Bach. Uma celebração perceptiva é o tema do evento previsto para o dia 18 de março de 2005, integrando a programação de preparação para a Páscoa 2005. O evento estará a cargo da Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznock, da Unesp. Além dele, constam da programação da Páscoa 2005 um **IHU Idéias**, no dia 17 de março, com o título *A Páscoa Musical de Bach - a Cantata BWV 4, Christ lag in Todesbanden*. Uma análise auditiva, também sob a responsabilidade da Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznock; a projeção e discussão de dois filmes (*O Evangelho segundo Mateus, de Pasolini* e *A Última Tentação de Cristo, de Scorsese*) com a participação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Calvani, da UNIFIL, de Londrina, e um debate sobre *Ressurreição e/ou Reencarnação*, sob o encargo do Prof. Dr. Luís Carlos Susin, da PUCRS. Duas exposições artísticas completam a programação: *Santa Ceia*, da artista plástica Maristela Santi Pereira Winck e uma exposição de pintura a óleo, tendo como tema a *Ressurreição*, do artista Sandro Roberto Cardozo.*

*Sobre a programação, **IHU On-Line** conversou com a Prof.^a Dr.^a Cleusa Andreatta, coordenadora do Programa Teologia Pública do IHU e colaboradora do Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo (Gdirec) do IHU, e a Prof.^a MS Rosa Maria Serra Bavaresco, colaboradora do Instituto Humanitas Unisinos.*

IHU On-Line - O evento pretende ser uma preparação para a Páscoa, atendendo às características marcantes do viver contemporâneo. Considerando esse aspecto, como ele foi pensado e o que foi priorizado?

Rosa Bavaresco - O evento foi pensado tendo como princípio que Cristo se apresenta a cada ser humano, na contemporaneidade, das mais diferentes formas, desde a pessoa que foi excluída e marginalizada ao acesso dos bens mínimos e indispensáveis para atender às suas necessidades básicas, até aquela que, em seu individualismo e hedonismo, é incapaz de um gesto de solidariedade. A prioridade foi dada para que houvesse possibilidades de momentos de reflexão, discussão e aprofundamento das situações do cotidiano como manifestações de um Cristo que está presente no rosto de cada ser humano.

IHU On-Line - A celebração do Mistério Pascal contrasta com a cultura contemporânea, hedônica e individualista. Como podemos definir o sentido e a missão do cristianismo nesse contexto?

Cleusa Andreatta - Há uma dificuldade em falar “a cultura”, porque ela tem interfaces, sendo caracterizada pela pluralidade de posicionamento e concepção das pessoas. A sociedade tende a ser predominantemente hedônica e individualista. Podemos falar hoje de um triunfo do individualismo. Mas também vemos muitas expressões de um ser humano mais aberto, mais comunitário e solidário. Por fidelidade a ele, temos que reconhecer isso. Ao mesmo tempo que vemos uma busca do prazer como sentido, referência ou resposta para os problemas humanos, também vemos as pessoas assumindo caminhos do compromisso da solidariedade. Isso vai mostrando uma busca que atravessa a história do ser humano que é a busca de sentido, de resposta para suas questões, sobre o sentido da vida, o problema do sofrimento, algo que dê uma razão de ser, uma orientação para este cotidiano efêmero, que vivemos. O cristianismo vem a ser uma resposta a esse tipo de situação do ser humano, uma resposta para o sentido da vida humana. A missão do cristianismo é trazer uma perspectiva de solidariedade, de mostrar, de um lado, a transitoriedade de todo o sofrimento, de tudo o que vivemos, e, por outro lado, mostrar a responsabilidade que temos por uma vida mais solidária, mais comprometida com nossos semelhantes, em que nos colocamos como parceiros uns dos outros na busca de

sentido para nossa vida. É uma missão que brota de uma experiência de fé que o cristianismo carrega consigo, de um Deus que veio ao nosso encontro. Ele é o grande solidário da humanidade, que assume desde a raiz toda a existência e fragilidade humana, para nos resgatar de nossas fragilidades. A Páscoa, compreendida neste sentido de passagem da morte para a ressurreição, vem nos dizer que, desde esse vento Pascal de Jesus Cristo, um Deus que quis se fazer humano como nós, que passou pelas profundezas da experiência da morte e ressuscitou, que veio nos dar um sentido de vida, todo homem, toda mulher já nasce em processo de transformação, na certeza de uma vida que não pára na morte, de que a morte e o sofrimento não são as últimas palavras sobre a nossa vida, mas a glória, a ressurreição, a felicidade, a alegria plena. Isso é também compromisso e tarefa nossa, por causa de um Deus que se fez solidário, entregou-se, também devemos entrar no caminho da solidariedade, de entrega da vida para construir essa felicidade plena que todo o ser humano almeja. Quando falamos de cristianismo, de fé cristã, falamos de todos nós que cremos em Jesus Cristo, que vivemos a esperança vencedora que a Páscoa nos traz. Não é uma esperança que nos acomoda, é uma esperança vencedora que nos faz arregaçar as mangas.

IHU On-Line - Como pode ser definida a iniciativa de buscar o significado da paixão, morte e ressurreição de Cristo em uma instituição como a Unisinos, cuja proposta é a defesa e a implantação de um humanismo social cristão? E qual o papel do IHU nesse contexto?

Rosa Bavaresco - A Unisinos, por ser uma instituição de inspiração voltada para o aprimoramento do ser humano, que tem no humanismo social cristão o vetor que impulsiona o seu agir, tem, dentre as suas funções, a de fomentar o fortalecimento da síntese da fé cristã, contida no binômio morte-ressurreição, sendo necessário que uma aconteça para que a outra se concretize. Todavia, há um caminho a ser percorrido: a paixão. Isso significa que, no dia-a-dia, passamos pelo caminho da paixão, representada pelas nossas dificuldades e problemas. As perdas e os reveses se constituem na morte, que é necessária para que outra possibilidade possa surgir. Isso se constitui no contínuo vir a ser de cada ser humano de uma instituição ou de uma comunidade. O modelo que está a iluminar esta complexa caminhada é Jesus Cristo, o homem-Deus que veio para nos ensinar que a dignidade da vida está na solidariedade, na partilha, na humildade, na compreensão e no desprendimento, o que implica respeito à singularidade do outro, pois, desta forma, estamos respeitando a universalidade da humanidade.

IHU On-Line - Diferentes formas estéticas de representação do Mistério Pascal serão oferecidas ao público. Que formas são essas e como foram pensadas?

Rosa Bavaresco - As formas estéticas escolhidas foram a música, a pintura e o cinema. Buscou-se em cada uma delas o significado da mensagem que Jesus Cristo quis nos passar, além de ser a expressão de diferentes manifestações que retratam a percepção, o entendimento, a fé e a compreensão que o ser humano tem do Mistério Pascal e como ele está presente em nosso cotidiano.

IHU On-Line - Como você define o papel do Instituto Humanitas Unisinos ao promover um evento como esse?

Cleusa Andreatta - O Instituto Humanitas Unisinos traz uma linha de reflexão que nenhum outro departamento, instituto ou faculdade oferece. O IHU tem a mobilidade e a capacidade de entrar em temas, diálogos, com uma proposta de reflexão, estudo e debate que passa por uma dimensão de transversalidade e transdisciplinaridade. A experiência do IHU de trabalhar a

Páscoa pelo caminho da arte traz uma riqueza muito grande, em uma linguagem mais experiencial, mais metafórica, que abrange dimensões do humano que não passam pela linguagem própria de outras instâncias da Universidade.

[\(Voltar ao índice\)](#)

Simpósio internacional *Terra Habitável. Um desafio para a humanidade*

O simpósio internacional promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos neste ano discutirá a polêmica questão das condições de habitabilidade do planeta Terra. O evento se realizará de 16 a 19 de maio de 2005, na Unisinos, e leva o nome *Simpósio Internacional Terra Habitável. Um desafio para a humanidade*. A promoção celebra o cinquentenário da morte do teólogo Teilhard de Chardin, o centenário de nascimento do padre Balduino Rambo, e o centenário do ano miraculoso de Einstein. Além das grandes conferências. O simpósio terá uma intensa e fascinante programação de oficinas e minicursos.

O objetivo geral do evento é discutir alternativas de habitabilidade do planeta Terra, sob uma visão transdisciplinar da economia, da física, da ecologia e da teologia. E os objetivos específicos são: descrever os desafios que o ecossistema global representa para o pensamento econômico e social contemporâneo; refletir sobre a teoria da complexidade que, nos últimos cem anos, emergiu das ciências físicas; analisar a possibilidade de uma ética universal que privilegie a relação do ser humano com o planeta Terra; apontar os limites e as possibilidades do desenvolvimento sustentável; aprofundar a reflexão sobre os questionamentos que emergem de uma abordagem multidisciplinar do planeta Terra para as ciências da vida e do social; refletir ecoteologicamente sobre a contribuição que as grandes religiões da humanidade podem dar para uma epistemologia e antropologia da complexidade.

As inscrições estão abertas e podem ser feitas na Coordenação de Admissão e Matrícula da Unisinos ou pelo site do evento www.unisinos.br/simposio/terra-habitavel. Estudantes pagam R\$ 60,00 até o dia 15 de abril e R\$ 80,00 depois desta data. Profissionais pagam R\$ 120,00 até o dia 15 de abril e R\$ 140,00 depois desta data.

O Simpósio Internacional é uma promoção do IHU com a colaboração do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores (CEPAT); Centro de Investigação e Ação Social/Instituto Brasileiro do Desenvolvimento (CIAS/IBRADES); Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI); Centro Loyola de Fé e Cultura da PUC-Rio; Centro Universitário da FEI (UNIFEI); Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP); Universidade Católica de Pelotas (UCPel).

O alojamento oficial do evento será o Centro de Espiritualidade Cristo Rei (Cecrei), localizado na Rua Regina Mundi, 333 - Cx. Postal 416. CEP 93.001-970 - São Leopoldo – RS. Telefone (51) 592.1266 e fax (51) 592.5107. E-mail: cecrei@cecrei.org.br. Website: www.cecrei.org.br

Maiores informações podem ser obtidas no sítio do evento: www.unisinos.br/simposio/terra-habitavel, no sítio do IHU: www.ihu.unisinos.br, pelo e-mail: humanitas@unisinos.br, pela linha direta Unisinos, telefone: (51) 590-1122 ou pelo telefone do IHU: (51) 590-8474.

Confira a programação completa e, em seguida, uma reportagem especial com dois membros da Comissão Organizadora e do Conselho Técnico-Científico do Simpósio. Eles falam sobre a importância do debate, sobre as expectativas do evento e sobre o papel da universidade nesse contexto. A Prof.^a Dr.^a Berenice Corsetti é professora no PPG em Educação da Unisinos. Graduada e mestre em História, fez doutorado em Educação na Unicamp e sua tese intitula-se *Controle e Ufanismo: A Escola Pública no Rio Grande do Sul (1889/1930)*. A professora é uma das organizadoras da obra **Ensino de História: Formação de Professores e Cotidiano Escolar**. São Leopoldo: EST, 2002. O Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff, professor no PPG em Geologia da Unisinos, é graduado em Geologia, mestre em Geologia e Geoquímica e doutor em Física e Química da Terra pela Université de Nancy I, da França. Fernando também é co-organizador do livro **Caracterização e modelamento de depósitos minerais**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

PROGRAMA

16 de maio de 2005 – Segunda-feira

14h30min – Credenciamento

17h – Abertura: Orquestra Unisinos

17h40min – Exibição de vídeo

18h – Terra habitável: um desafio para a humanidade

Conferencista: (a confirmar)

19h30min às 20h30min – Debate

20h30min às 22h15min- Confraternização

17 de maio de 2005 – Terça-feira

8h45min - Exibição de vídeo sobre Einstein

9h – A vida do cosmos: auto-organização e caos - Conferencista: Prof. Dr. Günther Küppers - Universidade de Bielefeld – Alemanha

10h30min – Intervalo

10h45min – O impacto humano sobre a vida na Terra

Conferencista: Prof. Dr. Thomas Michael Lewinsohn – Unicamp

Das 12h às 13h – Debate com os dois conferencistas

Das 14h30min às 16h30min – Oficinas e minicursos

Oficinas

- A dimensão espiritual da realidade do cosmos. Uma leitura a partir de Einstein e Teilhard de Chardin - Prof. Dr. Paul Alexander Schweitzer – PUC-Rio

- A relatividade, a física das partículas e as origens do Universo – Prof. Dr. Mario Novello – Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - RJ

- Energia nuclear, desenvolvimento e meio ambiente – Prof. Dr. Luiz Pinguelli Rosa – UFRJ

- A física no século XX – Prof. Dr. Antonio Augusto Passos Videira - UERJ

- Física é cultura – Prof. Dr. Ildeu de Castro Moreira - UFRJ

- A estrutura do universo e os seus códigos físicos – Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira - UFMG

- Os fundamentos cosmológicos de uma ecofilosofia em Teilhard de Chardin – Prof. Dr. Witold Skwara - UFPE

Minicursos

- Lixo, ambiente e inclusão: uma abordagem bioética - Prof.^a MS Anamaria Souza Arruda, Prof.^a MS Debora Lemos Maldi Maia, Prof.^a Dr.^a Katia Karina Verolli de O. Moura e Prof. MS Lorenzo Lago - Universidade Católica de Goiás – UCG
- Educação, conhecimento, ética e cotidiano: problematizando a dramaticidade de uma sobrevivência humana da humanidade - Prof.^a Dr.^a Cleoni Maria Barboza Fernandes - Unisinos e Prof. MS Marcelo Antônio Fernandes – UFRGS
- Epistemologia ambiental - Dr. Geraldo Mario Rohde - CIENTEC/RS
- Una propuesta integral de desarrollo auto sostenible, desarrollo social y respeto del medio ambiente - Prof. MS Luis Enrique Guzman Puerto - Pontificia Universidad Javeriana – Colômbia
- As diferentes formas de perceber o mundo através do poder geopolítico da cartografia - Prof.^a MS Roselane Zordan Costella – PUCRS
- A educação do olhar - Prof.^a MS Maria Rosicler Ferretto Barbosa – Unisinos
- Educação ambiental para o consumo responsável - Prof.^a MS Maria Aparecida de Oliveira Hinsching – Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR
- Ética e desenvolvimento sustentável - Prof.^a Dr.^a Ana Alice Vilas Boas – UFRRJ
- Contribuições das religiões na busca de saídas para a problemática ecológica - Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta – Unisinos
- Psicanálise e Teologia: uma economia possível - Prof. Dr. Mario Fleig – Unisinos
- Elementos para uma espiritualidade socioambiental libertadora - Prof. Dr. Afonso Tadeu Murad – Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus – BH

Das 16h45min às 17h45min - Cursos

- O caos dedilhado em planilhas Excel - Prof. Dr. Armando Lopes de Oliveira - UFMG
- A vida e a obra científica de Balduino Rambo – Prof. Dr. Aldo Mellender de Araújo - UFRGS
- Obra de Teilhard de Chardin – Prof. Dr. Pedro Magalhães Guimarães Ferreira – PUC-Rio
- Desenvolvimento sustentável. Fundamentação teórico-prática – Prof. Dr. Marcel Bursztyn – UnB
- Ecologia e mística – Prof. MS Carlos James dos Santos – CIAS/IBRADES

Das 18h às 19h15min – Sempre às terças.

Das 20h às 21h30min – A vida da Terra. Uma abordagem transdisciplinar

Conferencista: Prof. Dr. Edgar Morin - Centro Nacional de Pesquisa Científica de Paris (a confirmar)

21h30min às 22h15min – Debate

18 de maio de 2005 – Quarta-feira

8h45min - exibição de vídeo sobre Balduino Rambo

9h – Crescimento econômico e decrescimento. Os desafios da vida da Terra para a economia contemporânea.

Conferencista: Prof. Dr. Serge Latouche – Universidade de Paris-Sul

10h30min – Intervalo

Das 10h45min às 12h30min – Debate

Das 13h45min às 14h30min – Apresentação de Projetos Sociais

Das 14h30min às 16h30min – *Oficinas e minicursos*

Oficinas

- Desenvolvimento sustentável do Brasil. Limites e possibilidades. – Prof. Dr. Marcel Bursztyn – UnB
- Estratégias das organizações e complexidade – Prof. Dr. Luiz Paulo Bignetti – Unisinos

- A vida de Einstein - episódios marcantes – Prof. Dr. Carlos Alberto dos Santos – UFRGS
- Água no século XXI – Prof. Dr. Leonardo Maltchik – Unisinos
- Epistemologia e direito – Prof. Dr. Tércio Sampaio Ferraz Júnior - USP

Minicursos

- Teilhard de Chardin: uma leitura pós-moderna do cosmos? - Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori – Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus – BH
- Ética para a natureza e ética naturalizada - Prof. Dr. Adriano Naves de Brito - Unisinos
- Propaganda e imagens da Terra, produzindo discursos éticos e curriculares - Prof.^a Dr.^a Cecília Irene Osowski e MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos
- Cidades sustentáveis: o direito à história e à memória - Prof.^a Dr.^a Marinina Gruska Benevides - Universidade Estadual do Ceará – UECE
- Princípios básicos para o reconhecimento de problemas ambientais - Prof. MS Paulo Fernando de Almeida Saul – Unisinos
- Como o planeta Terra se tornou habitável - Prof. Dr. Luiz Henrique Ronchi - Unisinos
- Educação universitária para um futuro sustentável - Prof. Dr. Theodoro Agostinho Peters Filho e Prof. Dr. Ailton Pinto Alves Filho - UNIFEI
- Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A Teologia ecológica de Jürgen Moltmann - Prof. Dr. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves – PUC Campinas
- A terra artificial: invólucros ecológicos sociais - Prof.^a Dr.^a Ana Luisa Vietti Bitencourt e Prof.^a MS Olga Collinet Heredia - Unisinos
- Produção e consumo sustentáveis - Prof.^a MS Monique Revillion Dinato e Prof. Dr. Luís Felipe Nascimento - UFRGS
- Conservação de biomas naturais, biodiversidade da herpetofauna associada e sua relação com o desenvolvimento humano - Prof.^a Dr.^a Clarice Hofstadler Deiques - Unisinos

Das 16h45min às 19h – Continuação dos 5 cursos iniciados no primeiro dia

Das 18h30min às 19h – Lançamento de livros e inauguração do acervo do Pe. Balduino Rambo

Das 20h às 21h30min – Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável. Limites e possibilidades. Conferencista: Dr.^a Hazel Henderson – Hazel Henderson's Library – Flórida/EUA

Das 21h30min às 22h15min – Debate

19 de maio de 2005 – Quinta-feira

8h45min – Exibição de vídeo sobre Teilhard de Chardin

9h – A Terra e a humanidade. Uma visão desde a teoria dos sistemas. Limites e possibilidades.

Conferencista: Prof.^a Dr.^a Karen Gloy – Universität Luzern – Suíça

10h30min – intervalo

Das 10h45min às 12h30min – Debate

Das 13h45min às 14h30min – Visita ao Câmpus

Das 14h30min às 16h30min – *Oficinas e minicursos*

Oficinas

- Teoria dos sistemas e Direito – Prof. Dr. Leonel Severo Rocha – Unisinos
- Ecoética, direitos humanos e patrimônio comum da humanidade – Prof. Dr. Vicente de Paulo Barretto – Unisinos
- Reflexões sobre os limites e possibilidades de sustentabilidade ecológica – Prof. MS Demétrio Guadagnin – Unisinos

- Encontros de saberes – a agroecologia refazendo o modo camponês de estar no mundo – José Maria Tardin – AS-PTA – PR
- Os fundamentos antropológicos de uma ecofilosofia em Teilhard de Chardin – Prof. Dr. Witold Skwara – UFPE
- Comunicação e meio ambiente – uma discussão necessária - Prof.^a MS Neusa Maria Bongiovanni Ribeiro - Unisinos

Minicursos

- Biodiversidade & biotecnologia: potenciais e estratégias para o desenvolvimento sustentável no Brasil - Prof.^a Dr.^a Annette Droste – Unisinos
- “Pazeando” enquanto [tr]amamos outras linguagens - Prof.^a Dr.^a Edla Eggert – Unisinos
- Práticas ambientais em empresas brasileiras - Prof. MS Cláudio Senna Venzke e Prof. MS Gilberto Antonio Faggion – Unisinos
- Paisagem e memória de migrantes rurais e a recriação identitária - Prof.^a MS Inês Caroline Reichert – FEEVALE
- Biointegridade de ambientes aquáticos e o controle de simúlideos - Prof. Dr. Milton Norberto Strieder – Unisinos
- Literatura e teologia: Teilhard de Chardin, Saint-Exupéry e a Terra dos Homens - Prof. Dr. Waldecy Tenório - USP
- Economia solar: da ciência à política - Prof. Dr. Antônio Libório Philomena – FURG
- Meio ambiente e consumo sustentável: o papel do código de defesa do consumidor na concretização da cidadania – Prof.^a Esp. Cátia Rejane Liczbinski Sarreta - UPF
- Questões de ética ambiental - Prof. Dr. José Nedel – Unisinos
- Educar para a sensibilidade ecológica: uma tarefa urgente para o Ensino Religioso na escola - Prof. Dr. Remi Klein – Unisinos

Das 16h45min às 18h15min – *Continuação dos cinco cursos iniciados no primeiro dia*

Das 18h30min às 19h15min – Peça teatral - USP

Das 20h às 22h15min – Terra habitável. Um desafio para a teologia e a espiritualidade cristã
Conferencista: Prof. Dr. Jacques Arnould - Centro Nacional de Estudos Espaciais - Paris

AS EXPECTATIVAS EM TORNO DO EVENTO E A IMPORTANCIA DO DEBATE

A professora Dr.^a Berenice Corsetti, do PPG em Educação da Unisinos, integra a comissão organizadora do evento. Para ela, é fundamental situar o compromisso da Universidade com o tratamento de uma temática de tamanha relevância, sobretudo para o futuro da humanidade. A professora também cita o compromisso da Universidade com seus saberes específicos a fim de poder contribuir para a solução dos problemas graves, preocupantes, que são acenados para as gerações futuras em relação à habitabilidade do planeta. Ela acrescenta que "ao reunir especialistas de assuntos latentes e ao oferecer o processo de reflexão e conhecimento, o objetivo do simpósio é, com os olhares da problematização em torno da questão da Terra habitável, sacudir a comunidade, a academia, dar uma visibilidade para esta temática, para que preocupe os gestores públicos e privados, os responsáveis pelas políticas públicas e pela iniciativa privada, no sentido de uma intervenção, nesse processo, que seja qualificada, produtiva e nos ajude a salvar o planeta". Para a professora, o Simpósio cumpre a tarefa de problematizar o assunto, de causar polêmica em torno dele, para que, como um evento acadêmico, possa contribuir não apenas no plano científico, mas com uma grande responsabilidade social.

Fernando Althoff é professor no PPG em Geologia da Unisinos e membro da coordenação e do conselho técnico-científico do Simpósio. Para ele, o aspecto transdisciplinar do evento será o mais importante. "As pessoas que participarem deste Simpósio sairão com a certeza de que não estão sozinhas na sua área de atuação, pensando na melhoria das condições de vida na Terra".

O papel da universidade

Na opinião de Althoff, o ambiente acadêmico tem a possibilidade de juntar mais facilmente pessoas ligadas a diversas áreas do conhecimento e áreas que aparentemente são estranhas entre si. "Ao longo deste debate, ficará claro, inclusive para os céticos, que muitas áreas têm preocupação ambiental. Será interessante ver os especialistas presentes conhecerem ações feitas em outras áreas e que, muitas vezes, completam o que eles vêm fazendo e não sabiam que tinha ligação com outros ramos da ciência".

Berenice observa que "a instituição universitária, hoje um dos campos específicos de produção do conhecimento e acúmulo de saberes de primeira linha, necessita fundamentalmente colocar estes saberes a serviço da construção das condições de uma qualidade de vida, para o exercício da cidadania". E completa dizendo que "nada é mais fundamental do que trabalhar para que nosso planeta não seja mais destruído do que ele já vem sendo".

A Unisinos e o Instituto Humanitas Unisinos

Segundo Althoff, o Instituto Humanitas Unisinos tem o mérito de tentar juntar ações, partes dispersas na Universidade que têm uma mesma preocupação, mas que trabalham isoladamente. "Certamente este Simpósio pode dar um passo importante, para que as ações da Unisinos, voltadas para o meio ambiente, sejam coordenadas e produzam muitos mais efeitos visíveis e sensíveis à população de uma maneira muito mais rápida".

Para Berenice, a realização deste Simpósio é compromisso fundamental de uma Universidade como a Unisinos, que se considera comprometida com a sua região, com a questão da educação para toda a vida e com a transdisciplinaridade. "As temáticas do evento se inserem nessas questões. A Unisinos, por meio de um simpósio de tamanha relevância, dá resposta aos compromissos que ela assume com a região, com nosso país e com a sustentabilidade da nossa geração humana". Ela ressalta que o Simpósio se soma aos anteriores promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos, dando-lhe uma explicitação do seu *ethos*, do motivo para o qual veio. "Com este Simpósio e todas as outras iniciativas, o IHU vem cumprindo com o papel histórico que lhe está sendo conferido pela instituição Unisinos".

A abordagem transdisciplinar do Simpósio

"O avanço do conhecimento científico - continua Berenice - sinaliza que não compreendemos mais os processos que ocorrem na vida humana e na natureza de uma maneira linear, mecanicista e fragmentada. Portanto, o que hoje falamos sobre a questão da complexidade dos fenômenos, do pensamento sistêmico, é fundamental que seja compreendido nos diferentes campos que interferem nesse processo de apropriação do conhecimento". A professora considera que a perspectiva de busca da compreensão é de caráter transdisciplinar. E explica: "O fato de estarmos reunindo as áreas de Física, Ecologia, Economia e Teologia, significa que diferentes olhares de áreas de saber contribuem para que a compreensão do problema da habitabilidade do planeta realmente seja uma compreensão de fundo, de totalidade, mais abrangente, que nos permita encarar a problemática, buscando alternativas de solução".

A celebração de três importantes memórias: Teilhard de Chardin, Balduino Rambo e *Annus Mirabilis*

"O resgate da vida e das realizações dessas três personalidades se coloca como fundamental para que elas sejam referência, no sentido de construir as alternativas almejadas pelos exemplos de vida que elas nos ofereceram". Essa é a opinião da professora Berenice Corsetti sobre a celebração, durante o Simpósio Internacional Terra Habitável, do centenário de nascimento de Balduino Rambo, do cinquentenário da morte de Teilhard de Chardin e do centenário do *annus mirabilis* de Einstein.

Já para o professor Fernando Althoff, a associação de Chardin, Einstein e Rambo "mostra bem que o espírito deste Simpósio é transdisciplinar. Temos aí visões da Física, da Teologia, da Filosofia e da História Natural, sobre um mesmo assunto, que é a vida no nosso planeta. Este será o ponto forte do Simpósio".

[\(Voltar ao índice\)](#)

IHU Idéias

O **IHU Idéias** é um evento semanal promovido pelo IHU, que acontece gratuitamente todas as quintas-feiras, na sala 1G119 do IHU, na Unisinos, das 17h30min às 19h. A cada semana, um palestrante debate com o público presente algum tema latente na atualidade, abrangendo as diversas áreas de ensino. A programação do mês de março e abril já está definida. Confira a seguir e acompanhe as novidades no sítio www.ihu.unisinos.br

Programação de Março

03/03/05 - "Futebol, mídia e sociabilidade: uma experiência etnográfica" - Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo – Professor na Unisinos, Rodrigo Leistner, Ronei T. da Silva e Samuel McGinity.

10/03/05 – "Jesus no cinema" - Prof. Carlos Eduardo Calvani - UNIFIL.

17/03/05 - "A Páscoa Musical de Bach – a Cantata BWV 4, Christ lag in Todes Banden. Uma análise auditiva." - Prof.^a Dr.^a Yara Borges Caznok - UNESP.

31/03/05 - "Reencarnação ou Ressurreição: um confronto de antropologias" - Prof. Dr. Luiz Carlos Susin - PUC/RS.

Programação de Abril

07/04/05 - Do Big Bang à Inteligência - Prof. Dr. Luiz Augusto Leitão da Silva – Unisinos

14/04/05 - Direito: uma visão prático-humanista - Prof. MS. Antônio Carlos Nedel – Unisinos

28/04/05 - Teologia do Diálogo Inter-Religioso – Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Andreatta - Unisinos

[\(Voltar ao índice\)](#)

Encontros de ética para alunos

Outro evento gratuito e aberto à comunidade acadêmica é o **Encontros de Ética para Alunos**, que ocorre a cada 15 dias, sempre às segundas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1G119 do IHU. Os objetivos do evento são criar, para os alunos, um espaço de debate, transmissão, aprofundamento e troca de conhecimentos e experiências acerca de fatos e temas de ética, relacionados às linhas temáticas de Instituto Humanitas Unisinos e contribuir para a sua formação integral, a fim de que, como cidadãos e profissionais, sejam agentes de mudança da sociedade. A programação das primeiras edições do ano já está definida: Acompanhe:

07/03/05 - Tema: Estresse, trauma e resiliência - Prof. MS Christian Haag Kristensen – Unisinos

21/03/05 - Tema: Sentido da vida e da morte - Prof. Dr. Érico João Hammes - PUCRS
04/04/05 - Tema: A solidão na era da comunicação - Prof. MS Otavio José Klein – UPF
25/04/05 - Tema: Ética ambiental - Prof. Dr. José Roque Junges – Unisinos

[\(Voltar ao índice\)](#)

II Ciclo de Estudos sobre “O Método”, de Edgar Morin

O Instituto Humanitas Unisinos promoverá, no decorrer do ano de 2005, a segunda edição do evento **Ciclo de Estudos sobre O Método, de Edgar Morin**. O objetivo geral do evento é possibilitar um primeiro acesso ao paradigma da complexidade e um maior aprofundamento do mesmo, tendo como base a obra **O Método**, de Edgar Morin. Os objetivos específicos são: explicitar os pressupostos e as linhas fundamentais do pensamento de Edgar Morin; apresentar as idéias básicas de cada um dos seis volumes da obra **O Método**; descrever as características do paradigma da complexidade; aplicar a perspectiva da complexidade em algumas áreas acadêmicas (educação, saúde, direito, economia, filosofia); compreender os pressupostos e as aplicações da transdisciplinaridade.

A seguir, divulgamos a programação do evento e um artigo elaborado pelo Prof. Dr. José Roque Junges, estudioso de Edgar Morin, professor no PPG em Ciências da Saúde da Unisinos e um dos palestrantes do evento. Em seu texto, Roque Junges aborda alguns aspectos do paradigma da complexidade e do pensamento de Edgar Morin.

Dia 09 de março: *O Método I* - (esperando confirmação do palestrante)

Dia 06 de abril: *O Método II* - Prof. Dr. Juremir Machado da Silva - Doutor em Sociologia da Cultura - Université Paris V René Descartes, França. Professor e pesquisador na PUCRS.

Dia 11 de maio: *O Método III* - Prof. Dr. José Roque Junges - Doutor em Teologia - Pontificia Università Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia - Pontificia Universidad Católica de Chile. Professor e pesquisador na Unisinos.

Dia 08 de junho: *O Método IV* - Prof. Dr. Álvaro Luiz Montenegro Valls - Doutor e mestre em Filosofia - Universität Heidelberg, Alemanha. Professor e pesquisador na Unisinos

Dia 06 de julho: *O Método V* - Prof. Dr. Inácio Neutzling - Doutor em Teologia - Pontificia Università Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia - PUCRJ. Professor e pesquisador na Unisinos.

Dia 10 de agosto: *O Método VI* - Prof. Dr. Inácio Neutzling - Doutor em Teologia - Pontificia Università Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia - PUCRJ. Professor e pesquisador na Unisinos.

Dia 28 de setembro: *A Educação no Paradigma da Complexidade* – Prof.^a Dr.^a Valdemarina Bidone de Azevedo e Souza - Doutora e mestre em Educação - PUCRS. Professora e pesquisadora na PUCRS.

Dia 19 de outubro: *O Direito no Paradigma da Complexidade* - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Pós-doutor em Direito - Università degli Studi di Lecce, Itália. Doutor em Direito - École des Hautes Études en Sciences Sociales, França. Professor e pesquisador na Unisinos.

Dia 30 de novembro: Seminário sobre “*A complexidade e a tradição filosófica*” - Prof. Dr. Carlos Roberto Velho Cirne Lima - Livre-docente em Filosofia Geral, Lógica e Ética - UFRGS. Doutor em Filosofia - Universität Innsbruck, Áustria. Professor e pesquisador na Unisinos.

O PENSAMENTO DE EDGAR MORIN E O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE

Por Prof. José Roque Junges

Vivemos uma crise civilizacional nos diferentes âmbitos da realidade humana e social. Ela se manifesta na família, na educação, na economia, na política e na religião. Mas o âmago da crise é de cunho epistemológico e ético. Assiste-se a um processo de mutação dos referenciais do conhecer e do agir que pautam as relações humanas e sociais. O padrão que condicionava a convivência entre os seres humanos, e o modo de se relacionar com os outros seres vivos e com a natureza já não consegue servir de ponto de referência para o conhecimento e a ação. Está acontecendo uma revolução do paradigma que deu origem ao mundo moderno.

O diagnóstico da crise aponta, como uma das causas, o princípio de disjunção e de exclusão da lógica identitária moderna que não consegue captar as inter-relações e incluir as desordens na compreensão da realidade. Essa lógica opera uma simplificação, separando e eliminando elementos que não se conformam com a identidade definida. Esse modo disjuntivo e simplificador de aceder ao mundo e de traduzi-lo em conhecimento tem implicações epistemológicas e éticas.

A crise aponta para o desmoronamento deste modo moderno de conhecer, porque levou a uma super-especialização que perdeu a visão de conjunto da realidade e a uma simplificação que eliminou, como não-ser, tudo o que não se identifica com o definido como realidade. O novo aponta para um conhecimento que engloba as inter-relações e a desordem na compreensão da realidade. Com isso tenta-se introduzir uma visão mais complexa do mundo.

Este modo complexo de entender a realidade não elimina o ponto de vista do observador no processo do conhecimento como acontece com a ciência clássica que suprime o sujeito para chegar à objetividade científica. Todo conhecimento acontece em um paradigma no qual se move quem conhece. Por isso é necessário introduzir o observador no conhecimento, para que haja consciência do paradigma que explica a operacionalização lógica do conhecer. Enquanto não se introduz a questão do sujeito no conhecimento não se chega ao paradigma que lhe serve de base. Por isso impõe-se a necessidade de um conhecimento do conhecimento. Nesse sentido, o paradigma da complexidade vem revolucionar o modo de conhecer e de fazer ciência.

A universidade é um dos espaços privilegiados onde acontece essa revolução se ela souber pensar a atual crise epistemológica e captar os indícios do novo paradigma cognitivo que está sendo gerado nas novas formulações da ciência. A **Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)**, consciente deste fato, colocou a interdisciplinaridade como um dos seus eixos estratégicos de planejamento universitário. Ter uma visão interdisciplinar significa pensar a realidade e organizar o conhecimento de uma maneira complexa, entendendo o múltiplo no uno, e este no múltiplo. A interdisciplinaridade do conhecimento exige um paradigma complexo de conhecer. Por isso se trata de uma questão de método.

Para responder a esse desafio, o **Instituto Humanitas Unisinos** organizou um ciclo de estudos sobre a obra **O Método**, de Edgar Morin. Trata-se do autor que, com mais consistência e probidade, pensou e escreveu sobre a complexidade. O título da obra aponta para o projeto que inspira a sua composição. Morin pretende contrapor-se e desmontar o **Discurso do Método**, de Descartes, que serviu de base para o paradigma moderno de conhecimento. Os seis volumes de **O Método** são um libelo anticartesiano.

O êxito do evento, realizado durante o ano passado, no câmpus da Universidade, em São Leopoldo, levou o **Instituto Humanitas Unisinos** a propor a sua reedição em Porto Alegre durante o ano de 2005, em parceria com a **Livraria Cultura do Shopping Bourbon**.

Qual é a importância do pensamento de Edgar Morin? Por que existe tanto interesse por suas idéias? Ele conseguiu apresentar a origem e a configuração do paradigma da complexidade que as pessoas sentem como mais adequado à sensibilidade cognitiva e ética dos nossos dias. Ele formulou os princípios de uma compreensão complexa da realidade que se apresentam como:

Não eliminar o acaso, a desordem e a incerteza da compreensão da realidade, porque eles fazem parte da evolução do universo e são necessários para o equilíbrio dinâmico da realidade. Superar a abstração universalista da ciência moderna que elimina a singularidade, a localidade e a historicidade. A biologia atual e a física quântica apontam para sua importância.

Atender para a complexidade da realidade, pois os fenômenos biológicos e sociais apresentam um número incalculável de interações, de inter-retroações, uma fabulosa mistura que não pode ser calculada pelo mais potente computador.

Conceber a misteriosa relação complementar, embora antagônica, entre as noções de ordem, desordem e organização. Ela responde ao princípio de que a ordem pode nascer da agitação ou da turbulência desordenada.

Ter sempre presente o conceito de organização para compreender a realidade, apesar da dificuldade do seu uso, porque a organização é aquilo que constitui, ao mesmo tempo, uma unidade e uma multiplicidade. Trata-se da complexidade lógica da *unitas complex*, isto é, de entender o múltiplo no uno, e o uno no múltiplo.

Este último aspecto leva ao princípio hologramático. O holograma é a imagem física de que as qualidades da matéria são devidas a que cada um dos seus pontos inclui quase toda informação do conjunto que representa. O mesmo acontece na biologia, pois cada célula inclui a informação genética do ser global. Nesse sentido, se pode dizer que a parte está no todo, mas também que o todo está na parte.

Tudo isso leva a uma crise dos conceitos fechados e claros, isto é, a uma crise da clareza e da separação das explicações, típica da visão tradicional cartesiana. Não existem verdades claras e distintas, nem demarcações claras entre ciência e não-ciência, entre o objeto e o meio, entre ser vivo e seu ambiente natural, entre ser humano e seu contexto, entre sujeito e objeto.

A importância de reintroduzir o observador na observação. Superar a ilusão de chegar à objetividade científica pela eliminação do observador nas ciências sociais e nas demais ciências. Essa superação responde ao princípio da reintrodução do receptor na concepção: "a teoria, qualquer que ela seja e do que quer que trate, deve explicar o que torna possível a produção da própria teoria e, se ela não pode explicar, deve saber que o problema permanece". Morin não inventou esses princípios, apenas soube captar as novidades epistemológicas que estão acontecendo na nova física e na nova biologia e nas ciências da cognição, formulando-as em princípios.

Os seis volumes de **O Método** são uma crítica do conhecimento, isto é, um conhecimento sobre o conhecimento. Daí a reduplicação dos subtítulos dos diferentes volumes. O **primeiro volume, A natureza da natureza**, é uma física do conhecimento, porque procura formular o conhecimento que emerge da física quântica. O **segundo volume, A vida da vida**, é uma biologia do conhecimento, em que tira consequências da nova biologia para a compreensão do conhecimento. O **terceiro volume, O conhecimento do conhecimento**, é uma antropologia do conhecimento que apresenta a história de efeitos das ciências da cognição para o entendimento das estruturas mentais do conhecimento. O **quarto volume, As idéias: habitat, vida, costumes, organização**, é uma sociologia do conhecimento ou, nas palavras de Morin, uma noologia que tenta entender o modo como o conhecimento se organiza social e culturalmente num sistema de idéias. O **quinto volume, A humanidade da humanidade: a identidade humana**, que apresenta as consequências desta nova visão do conhecimento, para

a compreensão da identidade humana na atual crise planetária. O **sexto volume**, publicado recentemente, conclui a obra com uma reflexão sobre a *ética* condizente com essa nova identidade humana planetária e correspondente a um modo complexo de conhecer.

Muitas pessoas conhecem o pensamento de Morin por livros de divulgação, mas poucos têm a coragem de enfrentar os seis volumes da sua obra fundamental, porque não são de fácil compreensão. Os objetivos do ciclo de estudos são justamente permitir um acesso às idéias centrais de cada um dos seis volumes de **O Método**, compreender os pressupostos e as características fundamentais do paradigma da complexidade e aplicar a perspectiva da complexidade em algumas áreas acadêmicas.

O ciclo de estudos, promovido pelo **Instituto Humanitas Unisinos**, em parceria com a **Livraria Cultura**, compreende, de março a agosto, a apresentação de cada um dos seis volumes de **O Método**, de Edgar Morin e, de setembro a novembro, a aplicação do paradigma da complexidade a algumas áreas, como educação, direito e filosofia.

[\(Voltar ao índice\)](#)

I Ciclo de Estudos “Repensando os Clássicos da Economia”

Uma das novidades programadas pelo Instituto Humanitas Unisinos para 2005 é o **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia**. O evento tem como objetivos propiciar um espaço inter e multidisciplinar de discussão sistemática sobre temas relacionados com os autores clássicos da economia, retomando os textos fundadores da ciência econômica; possibilitar à comunidade acadêmica da Unisinos, em particular, e à comunidade em geral, uma visão global da economia clássica e suas implicações no cotidiano; discutir as possibilidades e os limites de uma economia social e eticamente regulada; fortalecer a criação do Mestrado em Economia na Unisinos, com suas respectivas linhas de pesquisa.

O ciclo terá uma periodicidade mensal, com início previsto para 10 de março de 2005 e término em 10 de novembro de 2005, somando um total de 35 horas. Ele acontecerá paralelamente em dois locais: na Unisinos, na sala 1G119 do IHU, e na Livraria Cultura, no Bourbon Shopping Country, em Porto Alegre.

O **I Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia** é uma promoção da Unisinos por meio do Instituto Humanitas Unisinos, do curso de graduação em Economia, do PPG em Administração e do PPG em Ciências Contábeis da Universidade. Este evento vale como atividades complementares para os cursos de Administração, Ciências Contábeis, Ciências Sociais, Comércio Exterior, Direito, Economia, História e Serviço Social.

*Leia, a seguir, a entrevista realizada pelo **IHU On-Line** com o professor André Filipe Zago de Azevedo, professor na Unidade de Ciências Econômicas e Administrativas da Unisinos, e um dos ministrantes e coordenadores do evento. André é graduado, mestre e doutor em Economia, tendo cursado o doutorado na University of Sussex, da Inglaterra. Depois da entrevista, publicamos a programação completa do evento nos dois locais onde ocorrerá. Maiores informações sobre inscrições, valores e datas podem ser obtidas no sítio www.ihu.unisinos.br*

IHU On-Line - O ciclo está baseado na discussão de temas relacionados com os autores clássicos da economia. Como eles serão abordados?

André Zago - O objetivo principal do ciclo de estudos é discutir o pensamento dos autores clássicos da economia, retomando os textos fundadores da economia. Desta forma, será

possível analisar a contemporaneidade destes autores, buscando identificar soluções de alguns problemas econômicos atuais nas idéias daqueles autores. Para que este objetivo seja alcançado, a análise das idéias de cada autor clássico será realizada por economistas que conheçam profundamente o conjunto da obra de cada autor analisado, embora privilegiando a sua obra principal.

***IHU On-Line* - Considerando que o evento será dirigido a um público amplo, incluindo leigos na área econômica, como será possibilitada uma visão global da economia clássica com suas implicações no cotidiano?**

André Zago - A abordagem de cada autor clássico privilegiará aqueles pontos centrais da análise de cada um deles por meio de uma linguagem acessível a todos, tanto leigos como os já iniciados em economia.

***IHU On-Line* - Pretende-se também discutir as possibilidades e os limites de uma economia social e eticamente regulada. Quais as características básicas que não podem faltar nessa economia?**

André Zago - A idéia fundamental é que se objetive a eficiência econômica, mas que a equidade também se torne uma finalidade central dos governos. Ou seja, uma economia social e eticamente regulada deve privilegiar a busca da igualdade de oportunidades para toda a população, procurando sempre valorizar a solidariedade e a dignidade humana. As características básicas desta economia social (com maior equidade econômica) são uma convergência ascendente de renda entre os que mais e menos ganham na economia, ou seja, a taxa de crescimento da renda dos mais pobres crescerá a taxas mais elevadas daqueles que têm as rendas mais altas, isto é, o crescimento econômico, embora necessário para a melhoria do padrão de vida da população, não é suficiente. Para tanto o crescimento deve vir acompanhado de políticas públicas que levem ao desenvolvimento econômico, com uma melhor distribuição de renda, principalmente possibilitando o acesso a oportunidades de educação e saúde de qualidade para aqueles que ainda não têm acesso.

***IHU On-Line* - E como a universidade pode colaborar nessa construção?**

André Zago - A universidade pode contribuir tanto pela discussão e divulgação de idéias que contribuam para este fim, como é o caso deste ciclo de palestras que se estenderá ao longo de 2005 na Unisinos, como pela formação de profissionais ética e socialmente responsáveis.

***IHU On-Line* - Em que sentido o ciclo de estudos pode colaborar para fortalecer a criação do Mestrado em Economia na Unisinos?**

André Zago - O ciclo de estudos pode colaborar na medida em que criar ou renovar o interesse por questões econômicas relevantes, mostrando como os economistas clássicos ainda podem ser bastante úteis para ajudar a resolver problemas econômicos atuais. Além disso, a própria divulgação no evento da criação deste novo curso, que terá como proposta central a análise da competitividade da economia brasileira frente a um cenário internacional cada vez mais integrado, poderá chamar a atenção para este novo curso que deverá ser oferecido pela Unisinos a partir de 2006.

***IHU On-Line* - A abertura do evento discutirá a importância e a atualidade da obra de Celso Furtado. Na sua opinião, qual a principal herança intelectual do economista?**

André Zago - É difícil escolher apenas uma entre as tantas contribuições intelectuais de Celso Furtado. Entre as suas principais contribuições pode-se destacar a percepção da incapacidade

do mercado se auto-regular, tornando necessária a intervenção do Estado, em especial nos momentos de crises; a construção da hipótese do subdesenvolvimento como sendo não um estágio que todas as sociedades têm que percorrer no seu caminho para o desenvolvimento, mas um processo distinto da experiência dos países desenvolvidos (centrais); e a discussão das causas das desigualdades regionais no Brasil que gerou, segundo ele, um centro industrializado e uma periferia explorada.

Acompanhe a programação do I Ciclo na Unisinos

10 de março: Conferência de abertura: *A importância e a atualidade da obra de Celso Furtado* – Prof. Dr. Theotônio dos Santos – UFF-RJ

Horário: das 19h45min às 22h.

Local: Auditório da Unidade de Ciências Jurídicas.

17 de março: *Adam Smith e a influência de sua teoria econômica* - Prof.^a Dr.^a Ana Maria Bianchi – USP-SP

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

14 de abril: *Analisando o pensamento econômico de Malthus e Ricardo* – Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS-RS

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

05 de maio: *Compreendendo a teoria de Keynes* - Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho – UFRGS-RS

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

23 de junho: *A Utopia de um novo paradigma para a economia* – Prof.^a Dr.^a Leda Maria Paulani – USP-SP

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

18 de agosto: *Entendendo o pensamento de Veblen* - Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério – UFPEL-RS

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

15 de setembro: *Desenvolvimento econômico no capitalismo: a visão de Schumpeter* – Prof. Dr. Paulo Tigre – UFRJ-RJ

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

20 de outubro: *A era industrial e a contribuição de Marshall* - (aguardando confirmação do palestrante).

Horário: das 14h às 17h

Local: sala 1G119, junto ao IHU

10 de novembro: Conferência de encerramento: *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo* – Prof. Dr. Antonio Flávio de Oliveira Pierucci – USP-SP
Horário: das 14h às 17h
Local: sala 1G119, junto ao IHU

Programação na Livraria Cultura em Porto Alegre

Neste local, as palestras ocorrerão sempre das 19h30min às 21h30min

Dia 16 de março: Conferência de Abertura: *Adam Smith e a influência de sua teoria econômica* - Prof. Dr. André de Azevedo – Unisinos-RS

Dia 27 de abril: *Analisando o pensamento econômico de Malthus e Ricardo* – Prof. Dr. Gentil Corazza - UFRGS -RS

Dia 25 de maio: *Compreendendo a teoria de Keynes* - Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho – UFRGS-RS

Dia 29 de junho: *A Utopia de um novo paradigma para a economia* – Prof. Dr. Eduardo Maldonado – UFRGS-RS

Dia 17 de agosto: *Entendendo o pensamento de Veblen* - Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monastério - UFPEL -RS

Dia 31 de agosto: *Desenvolvimento econômico no capitalismo: a visão de Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa - Unisinos-RS

Dia 5 de outubro: *A era industrial e a contribuição de Marshall* - Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Grandene de Souza – UFRGS-RS (a confirmar)

Dia 9 de novembro: Conferência de encerramento: *Relações e implicações da ética protestante para o capitalismo* – Prof. Dr. Antonio Flávio de Oliveira Pierucci – USP-RS

[\(Voltar ao índice\)](#)

Abrindo o Livro

Este evento gratuito, que tem periodicidade mensal, propõe a apresentação de livros estrangeiros e/ou nacionais de difícil acesso, para discussão e conhecimento da comunidade acadêmica e interessados. Ele acontece sempre das 19h45min às 22h, na sala 1G119 do IHU. A programação até o mês de junho já está definida. Confira.

15 de março: Apresentação do livro LUHMANN, Niklas. *El Derecho de la Sociedad*. México, Universidad Iberoamericana, 2000, pelo Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - coordenador do PPG em Direito da Unisinos.

20 de abril: Apresentação do livro SEN, Amartya. **Desenvolvimento com liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000, pelo Prof. Dr. Flávio Comim - UFRGS.

26 de maio: Apresentação do livro DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** São Paulo: Hemus, 1979, pela Prof^a. Dr.^a Anna Carolina Krebs Pereira Regner – Unisinos

15 de junho: Apresentação do livro MARX, Karl. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos.** Perdizes: Boitempo, 2004, pelo Prof. Dr. Luiz Augusto Estrella Faria – UFRGS

[\(Voltar ao índice\)](#)

III Ciclo de Estudos sobre o Brasil

A terceira edição do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil** iniciará no próximo dia sete de abril, enfatizando a discussão sobre a questão da escravidão no Brasil e suas implicações na cultura, na sociedade e na economia do País. O evento tem como objetivo estudar, de maneira interdisciplinar, textos clássicos escolhidos que analisam a formação histórica, social, econômica, política e cultural do Brasil. O ciclo divide-se em dois módulos, um em cada semestre, com inscrições e certificados independentes. Informações mais detalhadas estão disponíveis no sítio www.ihu.unisinos.br

IHU On-Line entrevistou a professora Dr.^a Berenice Corsetti, uma das coordenadoras do evento. Ela é professora no PPG em Educação da Unisinos. Graduada e mestre em História, fez doutorado em Educação na Unicamp e sua tese intitula-se *Controle e Ufanismo: A Escola Pública no Rio Grande do Sul (1889/1930)*. A professora é uma das organizadoras da obra **Ensino de História: Formação de Professores e Cotidiano Escolar**. São Leopoldo: EST, 2002. Após a entrevista, confira o programa do primeiro módulo do evento.

IHU On-Line - O objetivo do Ciclo de Estudos sobre o Brasil é estudar textos clássicos escolhidos que analisam a formação histórica, social, econômica, política e cultural do Brasil. Como isso tem ocorrido e como se dá a escolha das obras?

Berenice Corsetti - É importante relacionar as obras com os objetivos, porque, no fundo de todo o trabalho, que vem sendo feito em torno do Ciclo de Estudos sobre o Brasil, está a questão da percepção da necessidade de que a universidade contribua para a compreensão, a rediscussão e a proposição de alternativas para a realidade brasileira. A escolha das obras se situa no contexto deste objetivo fundamental que é, ao estudar, discutir e recolocar para a reflexão textos clássicos, a universidade aprofunde a reflexão no sentido de que se possa caminhar na direção de busca e encontro de alternativas para toda a problemática social, política, econômica e cultural que a sociedade brasileira apresenta no seu contexto contemporâneo. A escolha das obras se situa nesta dimensão: obras de autores que pensaram o Brasil, à sua época, e, com base em como eles pensaram o Brasil, nós o repensamos, discutindo, tendo como fundamento a maneira como os autores expuseram, nos seus cenários, nos seus contextos, as suas proposições. Elas são recontextualizadas e auxiliam na reflexão e na proposição de novas alternativas.

IHU On-Line - Diversas áreas de ensino estão envolvidas no evento. O estudo é realizado de forma interdisciplinar? Como se dá isso na prática?

Berenice Corsetti - O Ciclo foi pensado como uma estratégia metodológica para integrar as diferentes áreas do conhecimento, mais uma vez pela convicção que os integrantes do Instituto Humanitas Unisinos têm hoje de que não podemos mais trabalhar de maneira fragmentada, de

que a compreensão dos problemas, tanto da natureza, como da sociedade, não pode se dar se tivermos um olhar e propusermos soluções, baseados na lógica de uma única área do conhecimento. Isso sempre será insuficiente. O Ciclo de Estudos se coloca como um espaço de encontro entre as diferentes áreas. Por isso as obras são buscadas do campo da História, da Sociologia, da Antropologia, da Educação, da Geografia, da Economia, no sentido de que os diferentes olhares, que representam diferentes saberes, se integrem em uma rede de conhecimentos que nos oportuniza ter uma visão mais abrangente dos problemas que estamos querendo entender e resolver para a sociedade brasileira.

IHU On-Line - A novidade desta terceira edição do ciclo é a apresentação da maioria dos livros pelos próprios autores. Como isso colaborara e enriquece o desenvolvimento do evento?

Berenice Corsetti - Sempre trabalhamos com a idéia de que, pelo menos algumas obras, fossem apresentadas pelos seus autores. No terceiro ciclo, estamos conseguindo ampliar esta perspectiva. Quando o autor apresenta a própria obra, ele não apresenta o livro apenas. Ele fala sobre como ele pensou, o que motivou a sua realização, quais são os problemas de que trata a obra, quais são as alternativas, porque ele expôs daquela forma, e não de outra. Além de termos a obra em si, apresentada pelo seu autor, o que dá uma riqueza muito peculiar ao trabalho, temos toda uma historicização da sua própria produção, de como o autor fez a sua caminhada no sentido da construção da obra, produto final, que espelha um processo. Muitas vezes, o processo é mais rico do que o próprio produto, que não dá conta de toda a processualidade que o envolveu na sua constituição final. Colocar a obra no seu contexto de produção enriquece e oferece a quem participa um pouco de como se produz uma obra, o que também é uma aprendizagem interessante.

IHU On-Line - Outra característica que define a terceira edição do Ciclo é que as obras a serem trabalhadas tratarão da questão da escravidão no Brasil. Por que a escolha desse tema e como ele se torna importante no sentido de compreender a sociedade brasileira atual?

Berenice Corsetti - É importante nos darmos conta de que temos 500 anos de história oficial, a partir da inserção do Brasil no contexto internacional via processo de “achamento” ou descobrimento do País. Destes 500 anos, quase 400 foram marcados pela escravidão. Isso configura para a sociedade brasileira um perfil de país, de nação, com características, que vão desde a sua formação étnico-racial, passando por toda uma série de outros componentes na economia, na constituição das classes sociais, na formação da própria ideologia dos diferentes segmentos sociais, na concepção do caráter retrógrado da elite brasileira, que resiste muito às mudanças necessárias, para se avançar no sentido de uma sociedade mais justa. Essa elite resistiu intensamente ao fim da escravidão e havia razões para isso. Foram 388 anos de escravidão, e isso deixa marcas profundas, uma herança cujo peso estamos carregando até hoje: a pobreza, a miséria, não apenas das camadas menos privilegiadas, mas daquelas que são fundamentalmente negras ou afro-descendentes, ou descendentes dos indígenas, completamente espoliadas. A questão da escravidão, que refletiu a mão-de-obra básica fundamental deste período, e a questão da terra, são temáticas da mais absoluta relevância para se compreender o Brasil. É por isso que, no III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, organizamos os estudos de maneira temática, recuperando a importância deste assunto no sentido de que se possa perceber as diferentes implicações e chegar a ultrapassar os limites que a sociedade brasileira ainda vive em função das decorrências destes quase 400 anos de escravidão.

***IHU On-Line* - Qual a importância de promover um evento como esse em um ambiente universitário? Como você vê a Unisinos e o Instituto Humanitas nesse contexto?**

Berenice Corsetti - Não estamos mais no período histórico em que a universidade tinha a tarefa de formar quadros técnicos, profissionais, e devia estar completamente dissociada da sociedade, porque os problemas sociais pertenciam à sociedade, e a universidade devia dar conta da formação técnica e produzir conhecimento. Foi um período duro, sobretudo o período da ditadura militar. Mas hoje já temos o claro convencimento do papel, não apenas científico e profissional da universidade, mas do seu papel social. A universidade tem a tarefa de contribuir também para com a sociedade onde ela vai estar inserida, com a relevância das ações que desenvolve, além do plano científico. A definição do direcionamento estratégico da Unisinos, com compromisso muito claro com o desenvolvimento regional, com a educação para toda a vida e a transdisciplinaridade, faz com que um evento como o Ciclo de Estudos sobre o Brasil se situe de maneira extremamente compatível com o novo cenário no qual se situa a universidade brasileira do porte da Unisinos. Estamos falando de uma instituição que tem quase de 500 anos de tradição, porque vem da tradição jesuítica, que acompanha a história do Brasil desde 1549, quando os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil, coordenados pelo padre Antônio Vieira na expedição que vinha trazendo o primeiro governador geral do Brasil, naquela época colônia. A ação histórica dos jesuítas no Brasil, que culmina com sua ação educativa e se expressa, no nosso caso, pela instituição Universidade do Vale do Rio dos Sinos, faz com que o Ciclo de Estudos sobre o Brasil se coloque com extrema pertinência no âmbito das ações da nossa Universidade. O Instituto Humanitas Unisinos, como um espaço privilegiado, de ações deste porte, como são os simpósios, os diferentes ciclos de estudos, dá conta deste desafio contemporâneo posto para as universidades: responder também às necessidades que a sociedade coloca.

***IHU On-Line* - Gostaria de fazer mais algum comentário?**

Berenice Corsetti - Os dois anos de experiência do Ciclo de Estudos sobre o Brasil mostraram a relevância da sua concretização. A busca que viemos tendo por interessados das mais diferentes áreas, tem transformado o Ciclo em um evento qualificado e rico pela disparidade e heterogeneidade dos seus participantes. Estes, com seus olhares diferentes, percebem ângulos das abordagens que fazem, o que tem dado aos encontros um caráter de muita qualidade, que nos permite sentir, com muita satisfação, a importância da sua execução. Faço um chamamento, um convite a todos interessados em aprofundar os seus conhecimentos sobre o Brasil, que estejam conosco no III Ciclo de Estudos sobre o Brasil, discutindo a realidade brasileira historicamente posta, com mais detalhes, por meio destes diferentes estudos que estão estruturados para o evento.

Programa - 1º módulo

Livro: *Os Africanos no Brasil*, de Nina Rodrigues

Apresentação: Prof.^a Dr.^a Eliane Deckmann Fleck – Professora na Unisinos

Data: 07 de abril

Horário: 14h às 17h.

Local: Sala 1G119.

Livro: *O Escravismo Colonial*, de Jacob Gorender

Apresentação: Prof. Dr. Mário Maestri – Professor na UPF

Data: 28 de abril
Horário: 14h às 17h.
Local: Sala 1G119.

Livro: *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*, de Clóvis Moura
Apresentação: Prof. Dr. Diorge Konrad – Professor na UFSM
Data: 12 de maio
Horário: 14h às 17h.
Local: Sala 1G119.

Livro: *Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil*, de Luiz Mott
Apresentação: Prof. Dr. Luiz Mott – Professor na UFBA
Data: 02 de junho
Horário: 14h às 17h.
Local: Sala 1G119.

Conferência magistral: *Da Senzala à Colônia*, de Emília Viotti da Costa
Apresentação: Prof.^a Dr.^a Emília Viotti da Costa – Professora na USP
Data: 30 de junho
Horário: 20h às 22h.
Local: Auditório Central

[\(Voltar ao índice\)](#)

Seminário sobre responsabilidade empresarial

O Instituto Humanitas Unisinos convida os interessados para a realização, no mês de junho de 2005, do **Seminário sobre Responsabilidade Social e Empresarial: limites, possibilidades e perspectivas**. O evento é uma promoção conjunta dos cursos de Administração de Empresas, de Administração Hospitalar, de Ciências Contábeis, de Comércio Exterior, de Ciências Econômicas, de Recursos Humanos, de Gestão para Inovação e Liderança, do Mestrado em Ciências Contábeis, do Mestrado em Administração de Empresas da Unisinos e do Instituto Humanitas Unisinos.

O seminário acontecerá de 8 a 10 de junho, na sala 1G119 do IHU. Seus objetivos são: refletir, de maneira transdisciplinar, sobre os princípios teóricos e as práticas de responsabilidade social empresarial; possibilitar à comunidade acadêmica e em geral uma visão teórica e aplicada do que vem a ser responsabilidade social empresarial, hoje; debater as oportunidades, as dificuldades e as perspectivas da promoção da responsabilidade social nas empresas.

Confira o programa completo:

8 de junho

19h30min - Abertura - Orquestra Unisinos

20h - Conferência - Responsabilidade Social Empresarial no Brasil, hoje: avanços, limites, perspectivas

Conferencista: Oded Grajew - Presidente do Instituto Ethos

21h15min às 22h15min - Debate em plenário

9 de junho

9h – Debate - Responsabilidade Social Empresarial: possibilidades e perspectivas

Debatedores: Patrícia Almeida Ashley - pesquisadora e autora de livros; Francisco P. de Melo Neto - consultor de empresas e autor de livros na área.

10h30min às 12h - Debate em plenário

14h às 18h - Oficinas

Oficina 1 - Balanço social - Prof. César Kretz (Unijuí)

Oficina 2 - Economia e responsabilidade social empresarial - Doutor Tiago Wickstrom Alves (professor de Economia e do Mestrado em Contabilidade - Unisinos)

Oficina 3 - Elaboração e implementação de projetos sociais corporativos - Mestre Lisiane Vasconcelos da Silva (professora de Comércio Exterior - Unisinos) e Mestre Sílvia de Oliveira Polgati (professora de Recursos Humanos - Unisinos)

Oficina 4 - Ferramentas de controle, indicadores e balanço social - Doutor Ernani Ott (professor e coordenador do Mestrado em Contabilidade - Unisinos)

Oficina 5 - Introdução à gestão ambiental nas organizações - Mestre Cláudio Senna Venzke (professor de Administração - Unisinos)

Oficina 6 - Marketing e responsabilidade social: um olhar crítico - Doutor Cláudio Damacena (professor do Mestrado em Administração - Unisinos)

Oficina 7 - Responsabilidade social nas micro, pequenas e médias empresas - Francisco Duarte Pavin (mestrando em Administração - Unisinos)

Oficina 8 - Unisinos e o projeto Verde Câmpus - Dr.^a Luciana Paulo Gomes (coordenadora Verde Câmpus - SGA Unisinos e responsável pelo Laboratório de Microbiologia de Resíduos da Unisinos)

Oficina 9 - Performance Social Empresarial: modelos de avaliação – Dr.^a Carla Regina Pasa Gómez (Coordenadora do curso de Turismo da UNIVATES e pesquisadora em Responsabilidade Social)

20h - Conferência - Responsabilidade Social Empresarial: Pensar e praticar ações socialmente transformadoras

Conferencista: João Sucupira - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas - IBASE

21h15min às 22h15min – Debate em plenário

10 de junho

9h – Mesa-redonda - Responsabilidade Social: visualização de experiências empresariais

Apresentação de caso - Práticas de responsabilidade social empresarial: o caso da International Engines S.A.

Apresentação de caso - Responsabilidade social na Todeschini S.A.

10h15min - Responsabilidade Social Empresarial: uma reflexão sobre as experiências empresariais brasileiras - Léo Voigt - Sociólogo

11h15min – Debate em plenário

12h30min - Encerramento

[\(Voltar ao índice\)](#)

Humanitas Arte

O projeto **Humanitas Arte**, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos, inicia sua primeira exposição de 2005 no próximo dia 19 de abril. Será a quinta edição do evento, que acontece em parceria com a Unidade de Ciências Humanas, o Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos, sob a coordenação do Prof. Dr. Inácio Neutzling, da Prof.^a Dr.^a Marcia Angelita Tiburi e da Prof.^a MS Vera Regina Schmitz. **Humanitas Arte** oferece à comunidade acadêmica e regional um momento de contemplação e reflexão sobre as artes plásticas e visuais. Espera-se, com o projeto, que as artes possam valer como antenas do processo social e histórico em que se situa o humano e alçá-lo para o significado amplo da vida como um todo.

A quinta edição de **Humanitas Arte** contará com a exposição da artista Cylene Dallegrave, de 19 a 28 de abril de 2005, de segundas a sábados, das 8h às 22h, na Galeria Cultural da Biblioteca da Unisinos. A abertura da exposição será no mesmo local, às 17h do dia 19 de abril. Cylene Dallegrave nasceu em 1964, no Rio de Janeiro. É formada em Jornalismo, especializada em cinema. Em 1993, iniciou técnicas de Artes Plásticas. Faz litografia sob a coordenação de Miriam Tolpolar. Participou de várias coletivas, destacando-se no XIV Salão de Artes Plásticas da Câmara Municipal de Porto Alegre, no XIII Salão de Artes Plásticas de Praia Grande, em São Paulo, na 11ª Exhibition International - Small Graphic Forms-Lodz, na Polônia. Atualmente, faz curso de Pós-Graduação em Poéticas Visuais, com ênfase em gravura, fotografia e imagem digital, na FEEVALE.

[\(Voltar ao índice\)](#)

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. Diretor do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Diretora Adjunta: Prof.^a MS Vera Regina Schmitz (verasc@unisinos.br). Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@unisinos.br), Pedro Luiz S. Osório (osorio@bage.unisinos.br) Mtb 4579, e Graziela Wolfart (grazielaw@unisinos.br). Revisão: Prof.^a Mardilé Friedrich Fabre (mardile@unisinos.br). Consultoria: Agência Experimental de Comunicação (AgexCom). IHU On-Line circula às 2^{as} feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 591.1122 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br. Ramais: 1173 e 1195.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS